



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

O ESPAÇO DE MILTON SANTOS À LUZ DA SEMIÓTICA

Patricia Laundry Mollo Vieira
Dissertação de Mestrado

BRASÍLIA/DF
Dezembro/2014



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

O ESPAÇO DE MILTON SANTOS À LUZ DA SEMIÓTICA

Autor: **Patricia Laundry Mollo** Vieira

Orientador Professor Doutor **Dante Flávio da Costa Reis Júnior**

Dissertação de Mestrado

BRASÍLIA/DF

2014

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de
Brasília. Acervo 1019450.

V657e Vieira, Patricia Laundry Mollo.
O espaço de Milton Santos à luz da semiótica / Patricia
Laundry Mollo Vieira. -- 2014.
90 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília,
Instituto de Ciências Humanas, 2014.

Inclui bibliografia.

Orientação: Dante Flávio da Costa Reis Júnior.

1. Santos, Milton, 1926-2001. 2. Peirce, Charles S.
- (Charles Sanders), 1839-1914. 3. Bakhtin, M. M.
- (Mikhail Mikhailovich), 1895-1975. 4. Semiótica.
5. Espaço e tempo. I. Reis Júnior, Dante Flávio da
Costa. II. Título.

CDU 003

O ESPAÇO DE MILTON SANTOS À LUZ DA SEMIÓTICA

Patricia Laundry Mollo Vieira

Dissertação de Mestrado submetida ao Departamento de Geografia da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Mestre em Geografia, área de concentração Gestão Ambiental e Territorial, opção Acadêmica.

Aprovado por:

Prof. Dr. Dante Flávio da Costa Reis Júnior
Orientador

Prof. Dr. Neio Lucio de Oliveira Campos (Universidade de Brasília)
Membro Interno

Profª. Dra. Maria Lúcia Santaella Braga (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)
Membro Externo

Brasília-DF, 18 de dezembro de 2014.

*Mesmo que me prometas a imortalidade voltarei para casa
Onde estão as coisas que plantei e fiz crescer
Onde estão as paredes que pinte de branco*

*Há na manhã de Hydra uma claridade que é tua
Há nas coisas de Hydra uma concisão visual que é tua
Há nas coisas de Hydra a nitidez que penetra aquilo que é olhado por um deus
Aquilo que o olhar de um deus tornou impetuosamente presente*

*O teu destino deveria ter passado neste porto
Onde tudo se torna impessoal e livre
Onde tudo é divino como convém ao real*

*Hydra, Junho de 1970
Sophia de Mello Breyner Andresen*

Para Ademaro Mollo Jr., com a saudade da filha querida e a certeza de que o homem é imortal porque é um símbolo verdadeiro.

Agradecimentos

Agradeço ao Departamento de Pós-Graduação em Geografia da Universidade de Brasília; no acolhimento solidário dos colegas e professores geógrafos a uma psicóloga apaixonada por Milton Santos; nas conversas e aulas que me possibilitaram amadurecer meu pensamento de geógrafa; na simpatia e disponibilidade do Jorge, padroeiro da gente na Secretaria.

Agradeço ao casal enamorado Maria Helena e Geraldo, baianos de Salvador, onde eu como a comida da Binha. A todos os meus irmãos queridos e à Nadia, coração da família Tormin Mollo. Ao Cacau Libório, por me apresentar ao pensamento de Milton Santos e à cidade de Santo Amaro da Purificação. À Iarucha, pelo cotidiano carinhoso da amizade que apoia e cuida.

Agradeço à amiga Lú, piscanalista querida que coloca, com maestria, as vírgulas na minha vida.

Não haveria como realizar um trabalho que junta Milton Santos, Peirce e Bakhtin sem o apoio de três professores muito especiais, que o bom Acaso peirceano botou em meu caminho. Meu orientador, professor Dante, que com elegância e comprometimento orientou minhas idéias e meu texto, preservando a coerência e a qualidade epistemológica do trabalho. Meu professor Neio, baiano especialista em Milton Santos, que ensina e pensa a Geografia Humana com o mesmo rigor e poesia, imprescindível em suas contribuições. Minha professora Lúcia com quem tive o prazer de ter aula; até hoje estou tentando acompanhá-la em seu pensamento refinado pelas categorias peirceanas e nas caminhadas no parque de Perdizes, mas o fôlego dela é imbatível. Lúcia Santaella está para Semiótica como Milton Santos está para a Geografia, pensadores para além de fronteiras. Minha contribuição com esse trabalho está para homenageá-los.

Todo o prazer de realizar essa Dissertação tem como fonte o amor de minha pequena família. PC, meu mar do Porto da Barra, onde me acalmo e me renovo e minha filha querida Helena, para sempre meu *Coração Que Sente*.

RESUMO

O tema dessa Dissertação é a análise do pensamento e da Teoria Social Crítica de Milton Santos na obra *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*, à luz da Semiótica de Peirce e Bakhtin. Defendemos a hipótese de que Milton Santos utiliza as categorias de análise do Espaço, como vetores epistemológicos de empiricização da indissociabilidade entre sistema de ação e sistema de objetos, para explicar geograficamente a realidade em movimento. Para verificá-la, propomos a aplicação das posições lógico-formais do Signo em Peirce às categorias miltonianas e análise da sua alternância na Semiose, a partir dos vetores de Determinação e Representação. Supomos que a contribuição da Dissertação está em sinalizar que o Espaço de Milton Santos participa como protagonista no processo de significação da História, além de sugerir a Semiótica Aplicada como método para análise do pensamento geográfico.

Palavras chave: Milton Santos, *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*, Semiótica Aplicada, Peirce, Bakhtin.

Abstract

The theme of this Master's dissertation is the analysis of thought and work of the Brazilian geographer Milton Santos in: *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção* in light of semiotics of Peirce and Bakhtin. We defend the hypothesis that Milton Santos uses the categories of space's analysis as epistemological vectors of inseparability between action system and objects system to geographically explain reality in motion. To verify it, we propose the application of formal logical positions of Peirce's Sign in Milton Santos's space categories and the analysis of their alternation in Semiosis, from both vectors of Determination and Representation. We assume that the contribution of this Master's dissertation is to signal that the Milton Santos's space participates as an actor in the history and to suggest Applied Semiotics as a method for analysis of geographical thought.

Keywords: Milton Santos, *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*, Applied Semiotics, Peirce, Bakhtin.

ÍNDICE DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 – Trecho da Partitura de Coração que Sente | 63 |
| Figura 2 – A relação triádica do Signo peirceano | 65 |
| Figura 3 – As posições lógico-formais do Signo em Peirce | 69 |
| Figura 4– Alternâncias da posições lógico-formais na Semiose | 75 |
| Figura 5 – A Semiose do Espaço de Milton Santos..... | 83 |

ÍNDICE DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 1 – Categorias Miltonianas como Objeto Imediato do Evento..... | 78 |
| Quadro 2 – Categorias Miltonianas como Objeto Imediato do Evento [Cont.] | 79 |
| Quadro 3 – Categorias Miltonianas como Objeto Imediato do Evento [Cont.] | 80 |
| Quadro 4 – Categorias Miltonianas como Interpretantes Dinâmicos do Evento | 81 |
| Quadro 5 – Categorias Miltonianas como Interpretantes Lógicos do Evento | 82 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| PARTE I: MILTON SANTOS | 24 |
| 1. <i>MILTON SANTOS EM EMOÇÃO, ATUALIDADE E RAZÃO</i> | 24 |
| 2. <i>AS CATEGORIAS FENOMENOLÓGICAS DE PEIRCE</i> | 30 |
| 3. <i>MILTON SANTOS À LUZ DAS CATEGORIAS PEIRCEANAS</i> | 32 |
| PARTE II: O LIVRO | 36 |
| 4. <i>O ENUNCIADO VERBAL DE MILTON SANTOS</i> | 36 |
| 5. <i>O ESPAÇO EM TÉCNICA E TEMPO, RAZÃO E EMOÇÃO</i> | 44 |
| PARTE III: A NATUREZA DO ESPAÇO À LUZ DA SEMIÓTICA | 63 |
| 6. <i>AS POSIÇÕES LÓGICO-FORMAIS DO SIGNO PEIRCEANO</i> | 63 |
| 7. <i>AS TRÊS TRICOMIAS DE PEIRCE</i> | 68 |
| 8. <i>A SEMIOSE DO ESPAÇO EM MILTON SANTOS</i> | 74 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 84 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 88 |

INTRODUÇÃO

Acessar o mundo é sempre uma experiência mediada. Se não há contato direto com o mundo, a construção de um sistema de ideias para explicá-lo também se dá de forma mediada, inclusive no contexto de uma Ciência Particular como a Geografia. Segundo Milton Santos (1926-2001), a Geografia “sempre pretendeu construir-se como uma descrição da terra, de seus habitantes e das relações destes entre si e das obras resultantes, o que inclui toda ação humana sobre o planeta” (2002a^[1996], p. 18).

Se, na sistematização para explicar “toda a ação humana sobre o planeta”, no dizer de Milton Santos, o investigador tiver sua epistemologia ancorada na dúvida cartesiana do penso-logo-existo, terá seu estudo fundado em limites marcados, de um lado, pelo sujeito que coincide com o cogito pensante e auto centrado; do outro lado, pelo objeto que se apreende pela reflexão racional. O método introspeccionista de Descartes (1596-1650) elege a dúvida como guia e estabelece quatro passos que a cadeia de raciocínio deve cumprir para apreender o conhecimento sobre o objeto. Inicialmente, incluir no juízo aquilo que se apresenta de modo tão nítido, que escape de qualquer prova de dúvida; em seguida, dividi-lo quantas vezes necessárias para resolver as questões que se apresentam. Logo, ordenar o pensamento para análise do mais simples ao mais complexo, estabelecendo uma ordem entre as questões para, finalmente, realizar minuciosamente inspeções e levantamentos tão completos que reste a certeza de nada ter omitido. Pela obediência ao método cartesiano, não há nada que não se descubra e nada tão longe que o Cogito não alcance. Os achados de várias teorias sociais têm início nesse fundamento de Descartes, muitas delas desdobradas em generalizações de causa e efeito entre a ação humana e o mundo.

Ao contrário das quatro regras de método cartesiano, o guia de Milton Santos foi a adequação de método científico à espontaneidade da atualidade, único critério de validação e reorientação de sua epistemologia:

Nenhum método é eterno. Modifiquei o meu próprio várias vezes, em função de minha experiência e da dos outros, mas sobretudo em função de como o mundo se apresenta, já que não posso inventar o mundo: invento uma forma de interpretação, pois o mundo existe independente de mim. (SANTOS, 2007, p. 156).

Se ele não estivesse preocupado com o mundo na forma como se apresenta, não haveria a possibilidade de novas ideias na delimitação do objeto geográfico e no tratamento da interdisciplinaridade.

De alguma maneira, trata-se de voltar à ideia de paisagem, de lugar, mas voltar com outra forma de ver. [...] Teríamos que voltar a buscar – na sociologia, na psicologia, na política, na economia – a realidade das ações que são contemporâneas de um dado tempo. Imagino que seja essa a singularidade do geógrafo entre os outros cientistas sociais. (SANTOS, 2007, p. 165-166).

A sistematização geográfica de Milton Santos inicia por destacar um campo particular, com autonomia suficiente para se caracterizar enquanto objeto próprio da Geografia, mas ao mesmo tempo permanecer integrado na realidade total:

Construir o objeto de uma disciplina e construir sua metadisciplina são operações simultâneas e conjugadas. O mundo é um só. Ele é visto através de um dado prisma, por uma dada disciplina, mas, para o conjunto de disciplinas, os materiais constitutivos são os mesmos. É isso, aliás, o que une as diversas disciplinas e o que para cada qual, deve garantir, como uma forma de controle, o critério da realidade total. Uma disciplina é parcela autônoma, mas não independente, do saber geral. (SANTOS, 2002a¹⁹⁹⁶, p. 20).

Se a existência em atualidade é ponto de partida para a conceituação do Espaço, ela também deve ser o denominador comum para o diálogo interdisciplinar. É a partir dos vários aspectos da realidade e sua correspondência em cada disciplina, que a interdisciplinaridade pode ser feita. Sem isso, o risco de transpor significados de disciplinas afins, pode resultar em erros epistemológicos, em conhecimento meramente “metafórico”, sem amparo na realidade na forma como se apresenta, em sua totalidade. O geógrafo conversou com outros pensadores em nível de metadisciplina, como forma de garantir o critério da realidade total. É assim que ocorre a abertura para o diálogo interdisciplinar qualificado, em que a interdisciplinaridade ganha outra dimensão:

A interdisciplinaridade não se produz a partir das disciplinas. Ela se produz a partir das metadisciplinas. Eu converso com os outros colegas a partir da minha filosofia e da deles. Se eles não tiverem a filosofia, se eles não forem capazes de produzi-la, não há a possibilidade de diálogo.¹

Por isso que, na busca operacional pelo objeto da Geografia, Milton Santos

¹ Entrevista de Milton Santos, disponível em: <http://www.teoriaedebate.org.br/materias/nacional/miltonsantos>>. Acesso em: 06 jun. 2013. Acesso em: 06 jun. 2013.

questiona a legitimidade em se classificar objetos enquanto exclusivamente geográficos, para bem delimitar o campo epistemológico, gerando grupos de objetos geográficos, em oposição a objetos sociais, econômicos, biológicos, etc. Sob o critério da realidade total, Milton Santos propõe a aproximação do objeto pelo prisma geográfico, construindo um sistema intelectual capaz de abordar a realidade em perspectiva:

Não cremos, pois, que seja indispensável continuar buscando a definição de um objeto com existência separada, isto é, uma existência geográfica, um objeto geográfico em si. A partir do entendimento que tivermos do que deve ser o objeto da disciplina geográfica, ficamos em condição de tratar geograficamente, os objetos encontrados. [...] Trata-se de formular um sistema de conceitos que dê conta do todo e das partes em sua interação. Pensamos que nossa proposta atual de considerar o espaço geográfico como a soma indissolúvel de sistemas de objetos e sistema de ações possa ajudar nesse projeto. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 77).

Sua contribuição para a epistemologia geográfica está materializada em aproximadamente quarenta livros e inúmeros artigos, por meio dos quais é possível avaliar o comprometimento científico e ético do geógrafo para a construção de uma Teoria Social Crítica para a Geografia. Porém, é no livro A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção, cuja primeira edição foi publicada pela Universidade de São Paulo em 1996, que se apresenta, em integralidade, a teoria do Espaço Humano. A obra é resultado de um longo período de pesquisa, desenhada para dar tratamento às questões constitucionais na conceituação do Espaço, como técnica, tempo, intencionalidade, sistema de objetos e ações:

Livros e artigos meus publicados antes haviam enfrentado alguns dos problemas de que trata este livro. Agora, não apenas novas questões se levantaram, como temas de nossa preocupação anterior aparecem mais documentados, sistematizados e aprofundados, como é o caso, por exemplo, da técnica, do tempo e do sistema de objetos e ações. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 15).

Em A Natureza do Espaço, Milton Santos oferece um quadro metodológico que não se sobrepõe à explicação da realidade. Para ele, a construção do método deve ser flexível, de tal forma que não impeça a espontaneidade do objeto, inserido em sua concretude – em um mundo que é movimento. Nesse sentido, não há na construção metodológica de Milton Santos um viés estruturalista, uma vez que em A Natureza do Espaço já aparece a advertência de que o método, como construção teórica, deve

subserviência ao objeto:

Mas o texto deve prever a possibilidade de tais bonecos surpreenderem os ventríloquos e alcançarem alguma vida, produzindo uma história inesperada: é assim que fica assegurada a conformidade com a história concreta. (SANTOS, 2002a^[1996], p.22).

Em sua trajetória como pesquisador, Milton Santos percorreu inicialmente o caminho da poética do vivido do espaço banal, aquele que dispõe os homens em uma mesma extensão espacial e permite a comunhão entre eles. Para ele, Espaço é movimento e, nesse sentido, é inconcluso, está sempre por se fazer. E esse movimento é caracterizado pelo resultado sempre provisório – já que é movimento – da indissociabilidade entre a ação humana e todos os objetos em extenso na superfície da Terra:

As duas categorias, objeto e ação, materialidade e evento, devem ser tratadas unitariamente. Os eventos, as ações não se geografizam indiferentemente. Há, em cada momento, uma relação de valor da ação e o valor do lugar onde ela se realiza; sem isso todos os lugares teriam o mesmo valor de uso e o mesmo valor de troca, valores que não seriam afetados pelo movimento da história. Há uma diferença em dizer que o espaço não é uma causa e negar que ele é um fator, um dado. Admitir a existência do espaço, não é ser “geodeterminista” [...]. Pois o valor do espaço não é independente das ações que ele é suscetível de acolher. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 86, grifo do autor).

O mote em escapar de relações de causa e efeito – que ele denominou de abstração empírica, foi o desejo de descrever e explicar de forma sistemática a atualidade em movimento. Seus conceitos foram retirados do mundo com se apresenta a partir da perspectiva geográfica e sofreram uma síntese complexa para que, em sua aplicação sobre o objeto de estudo da Geografia, fossem capazes de traduzi-lo, sem sufocar sua espontaneidade de acontecimento. A isso, Milton Santos chamou de busca de operacionalidade. Estar atento ao movimento do mundo atual permitiu a substituição de antigos conceitos por novos e o amadurecimento de sua teorização espacial, e isso é dado apenas a intelectuais qualificados enquanto pensadores de seu tempo. O novo elenco de relações é estabelecido para representar o movimento dessa espacialidade, evitando causalidades e polarizações:

Toda a produção de uma causalidade entre esses dois lados (grupos

humanos e meio geográfico) levará inevitavelmente a erros graves, justamente àquilo que se pode chamar de abstração empírica, já que as coisas são valorizadas como “coisas em si” e não pelas relações que representam e às vezes escondem. Os diversos tipos de mediação, entre as quais é preciso considerar as técnicas políticas, financeiras, comerciais e econômicas no sentido amplo do termo, dão às relações homem – meio uma outra dimensão [...]. (SANTOS, 2002b^[1978], p. 41).

Sendo assim, o sistema descritivo e explicativo que Milton Santos ofereceu à Geografia não segue a cadeia introspectiva de Descartes, porque a dúvida em Milton Santos está na imutabilidade do método e na abstração empírica, e não no mundo como se apresenta em movimento. Tal posicionamento é característico de investigadores que abrem mão do egocentrismo e enfrentam a difícil assumpção de que a sistematização de seu conhecimento é falível, está em constante amadurecimento e situa-se em determinado tempo histórico.

Ao contrário das certezas indubitáveis de Descartes, o filósofo lógico Charles Sanders Peirce (1839-1914) postula que o conhecimento é continuidade e evolução, o que confere um caráter autocorretivo e inconcluso à investigação científica. Para a doutrina do Falibilismo estão, entre outros, o argumento metafísico de que toda verdade é movimento de expansão – portanto mutável, e o argumento epistemológico de que todo juízo é falível e provisório:

Cada investigador individual, por mais sistemático e rigoroso que possa ser seu pensamento, é essencialmente falível. Daí Peirce ter batizado sua teoria de Falibilismo. Isso nos dá uma ideia de sua concepção da ciência e Filosofia como processos que amadurecem gradualmente, produtos da mente coletiva que obedecem a leis de desenvolvimento interno, ao mesmo tempo que respondem a eventos externos (novas ideias, novas experiências, novas observações), e que dependem, inclusive, do modo de vida, lugar e tempo nos quais o investigador vive. (SANTAELLA, 1983, p. 5).

Peirce foi considerado o fundador da Semiótica Moderna e a concebeu como Lógica em sentido amplo. A Semiótica deriva de sua Filosofia e foi conceituada como a quase-necessária, ou formal, doutrina dos Signos, em acordo ao Falibilismo peirceano:

By describing the doctrine as ‘quasi-necessary’, or formal, I mean that we observe the characters of such signs as we know, and from such an observation, by a process which I will not object to naming Abstraction, we are lead to statements, eminently fallible, and

therefore in one sense by no means necessary, as to what must be the characters of all signs used by a “scientific” intelligence, that is to say, by a intelligence capable of learning by experience.² (PEIRCE, 1965, p. 134).

A chave para a compreensão da Semiótica peirceana é o conceito de Mediação ou Signo, que exige do investigador o abandono das concepções cartesianas de sujeito e objeto, assumindo o estatuto epistemológico de que o conhecimento é uma relação triádica, própria da Mediação:

Peirce não apenas criou uma teoria dos mais diversos tipos de signos, mas plantou essa teoria em um solo fenomenológico original de modo que dela resultam implicações epistemológicas não menos originais, um verdadeiro giro copernicano na tradição que exige de quem delas se aproxima, entre outras coisas, o abandono cabal das ilusões de que a cognição e o conhecimento se dão na relação dual entre um objeto que se dá a conhecer e um sujeito conhecedor. De fato, ou se abandona esse preconceito dualista e qualquer um de seus disfarces, ou apenas se escorrega em torno da radicalidade do giro peirceano, sem conseguir na verdade penetrá-lo.

Embora as relações diádicas sejam onipresentes no universo e na experiência humana, elas estão sempre subsumidas em relações triádicas, isto é, relações mediadas, relações sgnicas, pois o signo, para Peirce é sinônimo de mediação. Quando no contexto da semiótica peirceana, se faz a afirmação de que tudo é signo, o que se quer dizer é que não há relações – e não apenas no universo humano – que possam escapar dos processos mediadores que são próprios dos signos. (SANTAELLA, 2008, p. 95).

O segundo semioticista utilizado nessa Dissertação é Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975), que guarda similaridades com Peirce. Apesar de virem de tradições e objetivo distintos, Peirce e Bakhtin se encontram na amplitude da noção de Signo e no posicionamento anticartesiano, ao coincidirem a produção de conhecimento e a formação da mente humana com o conceito de Signo ou Mediação:

Por natureza, o psiquismo subjetivo localiza-se no limite do organismo e do mundo exterior, vamos dizer, na fronteira entre essas duas esferas da realidade. É nessa região limítrofe que se dá o encontro entre o organismo e o mundo exterior, mas este encontro não é físico: o organismo e o mundo encontram-se no Signo. A atividade psíquica constitui a expressão Semiótica do contato entre o organismo e o meio exterior. (BAKHTIN, 1992, p. 49).

² “Ao descrever a doutrina como quase, ou formal, digo que observamos os caracteres desses Signos como conhecemos e partir de tal observação, por um processo que não objetarei em chamar de Abstração, somos levados a demonstrações, eminentemente falíveis e, portanto, em dado sentido, de modo nenhum necessárias, para o que deve ser de todos os caracteres de Signos utilizados por uma inteligência ‘científica’, isto é, por uma inteligência capaz de aprender por experiência.” (tradução nossa)

Como a pesquisa utiliza dois semioticistas, é importante registrar que em Peirce o Signo é triádico, composto por três posições lógico-formais, que se alternam no movimento da Semiose, sempre em direção à Realidade, cuja explicação será dada na terceira parte desta Dissertação. Já em Bakhtin, o Signo que é ideológico, tem dupla face: reflete e refrata as realidades em um embate dialógico de ideologias. Tudo o que potencialmente ultrapasse suas próprias características e remeta a algo ideológico é um Signo em Bakhtin. A herança do materialismo histórico da filosofia marxista, presente em sua Semiótica, é expressa em dois postulados gerais: a contextualização, ou materialização da Semiótica nos Signos ideológicos, e a origem sócio-histórica da consciência.

Na filogênese e na ontogênese do pensamento humano, a espécie humana só ascendeu; e a criança só ascende aos processos mentais superiores, (abstração, memória, etc.) por força da Mediação entre os homens e todos os objetos em extenso, em um mundo datado. A história da utilização das técnicas, onde é possível acompanhar a ação do homem com seu entorno, revela o processo de maturação e das modificações qualitativas do pensamento humano e do mundo.

Desde o momento em que o homem lapidou uma pedra, resignificando seu uso, ela passa a ser um objeto valorado que perde sua vocação original de objeto natural. Quando a pedra deixa de ser só pedra, ela incorpora um sentido que ultrapassa suas particularidades, é sobre esse novo sentido que novas ações humanas agem e produzem novos significados. Contudo, mesmo o sentido dado à pedra pela ação humana nunca retirará seu caráter de coisa existente: ela sempre será pedra em atualidade, com variações de significados que se tornam mais complexos no tempo, à medida que sua utilização valorada amadurece o pensamento humano. Por isso, a força da atualidade determina a Mediação, que retorna em interpretações *ad infinitum* para compreendê-la.

Assim, não há incidência de nenhum pensamento ou ação humana sobre o mundo sem Mediação, desde a utilização das técnicas primitivas até a técnica atual. E na cadência da Mediação, que é movimento e continuidade, o homem passa a agir sobre um objeto já valorado e o uso instrumentalizado de objetos valorados afeta e promove modificações no pensamento humano, aumentando o conhecimento e tornando-o mais complexo:

O que Peirce na realidade postulava, como base do seu pensamento, era a teoria do crescimento contínuo no universo e na mente humana. [...]. Esse crescimento contínuo se alicerça, contudo, em bases lógicas radicalmente dialéticas, visto que o pensamento humano gera produtos concretos capazes de afetar e transformar materialmente o universo, ao mesmo tempo que são por ele afetados. (SANTAELLA, 1983, p. 10).

Vista na perspectiva geográfica, a Mediação em Milton Santos é a produção de significações possíveis geradas pelo movimento da realidade, quando a ação intencional do homem se vale da Técnica para agir sobre um sistema de objetos já valorados, que é seu conceito último de Espaço. A relação entre ação humana e meio geográfico, em Milton Santos, não está na dialética homem *versus* natureza. O geógrafo, em seu marxismo renovado, anuncia que a natureza deixou de ser apenas pedra já há algum tempo, e essa enunciação ideológica reflete e refrata a ideologia do marxismo dogmático, em um embate de ideologias:

Mas o marxismo renitente, não renovado, insiste ainda na ideia de que a história é feita da relação do homem com a natureza, quando na verdade ela é toda mediada pelas ideias e pelo meio técnico-científico.³

Em sua dialética espaço-temporal, o meio técnico-científico-informacional, que é geográfico, é Mediação. Ele nega a coisificação do espaço quando diz que a ação incide pela Técnica em um meio pleno de significações, porque já é social:

Quando a sociedade age sobre o espaço, ela não o faz sobre os objetos enquanto realidade física, mas como realidade social, formas-conteúdo, isto é, objetos sociais já valorizados aos quais ela (sociedade) busca oferecer ou impor um novo valor. A ação se dá sobre objetos já agidos, isto é portadores de ações concluídas mas ainda presentes. Esses objetos da ação são, desse modo, dotados de uma presença humana e por ela qualificados. A dialética se dá entre ações novas e uma “velha situação”, um presente inconcluso querendo realizar-se sobre um presente perfeito. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 86).

Com o aprimoramento das técnicas, o mundo atual presencia a evolução de sistemas cada vez mais complexos de Mediação. Hoje, as ações humanas se valem das tecnologias de comunicação e informação, que têm o poder de reunir todas as técnicas para agir sobre o mundo. Em Milton Santos, a Técnica atual reúne o acontecer dos lugares em tempo real e empiriciza a totalidade. Mas dizer que o mundo se globalizou é

³ Entrevista de Milton Santos, disponível em: <http://www.teoriaedebate.org.br/materias/nacional/miltonsantos>>. Acesso em: 06 jun. 2013.

apenas uma expressão metafórica; seria desconsiderar o que a desigualdade dos lugares evidencia: atualidade é heterogênea. O que se observa é que os lugares e as pessoas se globalizaram de formas diferentes, porque a Técnica é integrada ao meio geográfico como uma realidade unitária:

Nesse período, os objetos técnicos tendem a ser ao mesmo tempo técnicos e informacionais, já que, graças à extrema intencionalidade de sua produção e localização, eles já surgem como informação. Já hoje, quando nos referimos às manifestações geográficas decorrentes dos novos progressos, não é mais de meio técnico que se trata. Estamos diante da produção de algo novo, a que estamos chamando de *meio técnico-científico-informacional*” (SANTOS, 2002a^[1996], p. 238, grifo do autor).

Para Milton Santos, o Espaço é um híbrido que participa no movimento de significação do mundo, porque cria e recria sentido. A principal consequência desse conceito é livrar os homens da reificação e do determinismo da História, que passa a ser escrita pelo homem e pelo Espaço. A relevância do estudo da Teoria Social Crítica do geógrafo vem do reposicionamento da Geografia em relação com as outras ciências humanas:

Na verdade, esse espaço é hoje uma preocupação dividida entre múltiplos especialistas. Se vocês me perguntassem como eu retomaria a questão, responderia que minha proposta atual, produto de propostas anteriores, é que nos interessa trabalhar sistema de objetos e sistema de ações. Isso daria uma visão de território, de paisagem, de lugar e acrescentaria à visão dos outros cientistas sociais uma visão de materialidade que não constitui um teatro de ação, mas é condição para a ação. O geógrafo interviria no processo de fazer a história, não de interpretá-la. E o faria através de uma visão desse processo interativo entre objetos que são hoje extremamente dotados de intenção. (SANTOS, 2007, p. 165-166).

O conceito de Espaço como conjunto indissociável entre sistema de objeto e sistema de ações aparece pela primeira vez em A Natureza do Espaço. Conceito que possibilitou Milton Santos sistematizar e explicar a espacialidade, a partir de um tratamento unitário e totalizante do que para ele é característica da atualidade: a técnica, tempo, a ação e o objeto, agindo em concerto em um movimento que não pode ser decomposto em pares. A Técnica epistemologicamente é a Mediação que se encarrega da espaço-temporalidade, de pôr em relação a ação intencional do homem e os objetos intencionados do mundo; e de ressignificar a escala geográfica, quando qualifica o Lugar como totalidade no mundo. Com isso, faz coincidir a unidade mínima de análise

com a escala do vivido e permite a apropriação da mesma Técnica que se pretendeu hegemônica pelas novas racionalidades. Assim, A Natureza do Espaço é também uma proposta de intervenção da realidade, uma resposta teórica ao globalitarismo. Por isso, esse e nenhum outro livro do geógrafo é o objeto dessa Dissertação, porque, ainda que o pensamento de Milton Santos já se apresentasse maturado em obras anteriores, particularmente em Por Uma Geografia Nova, a sistematização de conceitos e método se apresentou em totalidade apenas em A Natureza do Espaço.

Depois da escolha do livro, o primeiro procedimento foi analisar o papel mediador da categoria Técnica e os conceitos que ela articula. Isso foi feito a partir do conceito de Mediação ou Signo em Peirce, que é a relação triádica característica do pensamento e do conhecimento, irreduzível a relações duais. A pesquisa avançou em procedimento na análise da operacionalidade das categorias miltonianas, orientadas pela seguinte problematização: como Milton Santos articula as categorias e as aplica à realidade em movimento, para demonstrar o protagonismo do Espaço? Da problematização veio a hipótese norteadora do trabalho:

- I. Milton Santos utiliza as categorias de análise do Espaço como vetores epistemológicos de empiricização da indissociabilidade entre sistema de ação e sistema de objetos, para explicar geograficamente a realidade em movimento.

O procedimento subsequente foi aplicar às categorias miltonianas as classificações do Signo peirceano derivadas das três principais tricomias, dentre elas, a que trata do potencial da forma expressiva do Signo (ou Signo em si mesmo) em apontar ou indicar a Realidade, gerando um efeito de interpretação. Identificando as categorias de Milton Santos e classificando-as a partir das tricomias de Peirce, foi possível cumprir o procedimento final da pesquisa que consistiu em aplicar a Semiose ao Espaço de Milton Santos, dando movimento à articulação de suas categorias sobre a atualidade.

Durante a análise, considerando que a Semiótica pode ser aplicada tanto à teoria da espacialidade como ao pensamento do geógrafo, optamos por analisar também seu pensamento à luz das Categorias fenomenológicas de Peirce, para caracterizá-lo como um pensador em seu tempo. Finalmente, como a Teoria Social Crítica da Geografia de

Milton Santos também é uma resposta ao globalitarismo, ressaltamos o embate ideológico entre seu marxismo renovado e o marxismo dogmático, a partir da aplicação do conceito de enunciado verbal de Bakhtin para ressaltar sua intencionalidade em oferecer à Geografia a possibilidade de ultrapassar a descrição e intervir na realidade que sistematiza.

Assim, o objetivo geral dessa Dissertação é fazer a leitura do pensamento de Milton Santos e da sua teoria espacial presente em A Natureza do Espaço à luz da Semiótica de Peirce e Bakhtin. Todo estudo que pretende lançar mão do pensamento peirceano deve ter, no mínimo, dois cuidados: um, o de apresentar de forma clara os fundamentos do ramo da Semiótica de Peirce que se pretende trabalhar, considerando que a filosofia de Peirce está registrada em aproximadamente 80.000 manuscritos, em sua maioria ainda não publicados; outro, de não reduzir a Semiótica à aplicação simplificada da classificação mais conhecida do Signo em Índice, Ícone e Símbolo, desconsiderando os fundamentos filosóficos dos quais essa classificação deriva.

Utilizamos na pesquisa as Categorias fenomenológicas de Peirce e um dos ramos da doutrina Semiótica Peirceana: a gramática especulativa, ou teoria geral dos Signos, que estuda toda e qualquer produção de conhecimento. Segundo Santaella (1983), pela Semiótica, podemos ler o mundo enquanto linguagem, em sentido muito mais amplo que língua, como produção de significado. A Semiótica pode ser utilizada como um mapa cognitivo, amplo e geral que permite o diálogo com quaisquer Ciências Particulares, que Peirce denominou de Ciências Ideoscópicas ou Especiais. Nessa perspectiva, a Semiótica se apresenta como um método aplicável à análise de qualquer ciência, especificamente para análise, no caso, de uma teoria particular dentro da ciência geográfica:

A despeito de sua complexidade, a teoria de Peirce está suportada em uns poucos conceitos muito abstratos e refinados como estão expressos nas três categorias fenomenológicas e nas definições e classificações de Signos. Estes compõem um esquema analítico no nível da generalidade máxima que pode estar disponível a qualquer ciência particular ou disciplina. (SANTAELLA, 2004, p. 159).

No sentido acima discutido, além de ser uma filosofia científica, a Semiótica geral também pretende funcionar como uma teoria fundacional, como um método geral da e para a investigação científica, ou mesmo como um mapa de orientação fenomenológica e epistemológica para ser usado por qualquer disciplina de qualquer espécie. (SANTAELLA, 2004, p. 159-160).

Guardadas as diferenças entre Peirce e Bahtin, são considerados a convergência da amplitude do Signo e o entendimento de que, para ambos, a produção de significados é ação do Signo. Nessa perspectiva, serão analisados o pensamento e a teorização espacial de Milton Santos:

[...] a própria compreensão não pode manifestar-se senão através de um material semiótico [...] Afinal, compreender um Signo consiste em aproximar o Signo apreendido de outros Signos já conhecidos; em outros termos, a compreensão é uma resposta a um Signo por meio de Signos. E essa cadeia de criatividade e de compreensão ideológica, deslocando-se de Signo em Signo para um novo Signo, é única e contínua: de um elo de natureza Semiótica (e, portanto, de natureza material) passamos sem interrupção para outro elo de natureza estritamente idêntica. (BAKHTIN, 1992, p. 33-34).

A pesquisa teve como objetivos específicos:

- i) caracterizar a complexidade do pensamento de Milton Santos na superação de teorizações de causa e efeito entre o homem e o meio geográfico, utilizando as Categorias fenomenológicas de Peirce;
- ii) apresentar a teoria espacial da obra A Natureza do Espaço, posicionando o livro como um ato de fala escrito, a partir da noção de *enunciado verbal* em Bakhtin, para sinalizar o dialogismo do livro frente às obras anteriores de Milton Santos e caracterizá-lo como uma resposta à globalização;
- iii) analisar como as categorias analíticas externas e internas ao Espaço, conceituado como conjunto indissociável de sistema de ação e sistema de objetos, são aplicadas à realidade em movimento, a partir do posicionamento de categorias selecionadas de Milton Santos nas posições lógico abstratas do Signo em Peirce, apresentando a Semiose do Espaço miltoniano.

Aplicamos a Semiótica e os fundamentos da filosofia de Peirce desde o início deste trabalho. Em sua primeira parte, as Categorias peirceanas são aplicadas para a análise do pensamento de Milton Santos. O objetivo é demonstrar que o pensamento do geógrafo parte da observação da realidade como se apresenta em atualidade, permite a

entrada de novas hipóteses e estabelece relações complexas entre o homem e o meio geográfico que ultrapassam a relação dual.

Na segunda parte da pesquisa, é apresentada a teoria espacial da obra A Natureza do Espaço, objeto desta Dissertação. O conceito de *enunciado verbal* de Bakhtin é inicialmente apresentado para caracterizar o livro como um ato de fala escrito. O objetivo é marcar a posição de que a obra é a conceituação última de Milton Santos sobre o tema e é, em si, uma totalidade. A intencionalidade do geógrafo em sua enunciação e o dialogismo entre duas de suas obras serão destacados para sustentar a posição de que a Teoria social Crítica de Milton Santos é um signo responsivo ao movimento do “globalitarismo” e uma proposta de intervenção da realidade atual.

Na terceira parte da Dissertação, apresentamos o Signo de Peirce e aplicamos a Semiose à Teoria Social Crítica de Milton Santos, posicionando suas categorias nas posições lógicas do Signo peirceano para análise da articulação das categorias miltonianas à realidade em movimento. Assim poderemos refutar ou confirmar a hipótese que move essa pesquisa.

PARTE I: MILTON SANTOS

O Universo devora-nos, ou então revela-nos o seu segredo segundo sabemos ou não contemplá-lo. É grandemente provável que as leis mais subtis e mais profundas da vida e do destino de tudo o que está criado estejam claramente inscritas no mundo material que nos cerca, que Deus tenha deixado a sua escrita sobre as coisas, como para o nosso sábio no pêlo da pantera, e bastaria talvez um certo olhar. . . O homem desperto seria o homem desse olhar.

O Despertar dos Mágicos

1. MILTON SANTOS EM EMOÇÃO, ATUALIDADE E RAZÃO

Para algumas pessoas, por habilidades extraordinárias de pensamento, a aproximação mediada com a realidade não é encarada como obstáculo à produção de conhecimento. Ao contrário, tais pensadores não opõem resistência e seu pensamento corre livre em mediação com o mundo, em um trabalho tanto laboral, quanto intuitivo: apanham e destrincham os significados dados pelo Hábito, conceito de Peirce que, aplicado nas Ciências Particulares, pode ser reconhecido pelo conjunto das teorias já sedimentadas, com as quais temos segurança e reconhecimento pacífico; e, ao se debruçarem sobre os dados acumulados pelas Ciências Particulares, estabelecem conexões entre esses dados e introduzem novas ideias que, de outra forma, não existiriam.

Milton Santos foi uma dessas pessoas privilegiadas. Seu pensamento comungou da corrente de pensamentos de filósofos, economistas, sociólogos, praticando seu ofício de professor e pesquisador em diferentes países, no contexto de uma vida intelectual itinerante:

1964-1977. Um pesquisador viajante

Em 1964, começa uma carreira internacional imposta pela situação política no Brasil. Primeiro na França, professor convidado nas universidades de Toulouse, Bordeaux e Paris-Sorbonne, e no IEDES (Instituto de Estudos do Desenvolvimento Econômico e Social). De 1971 a 1977, inicia uma carreira verdadeiramente itinerante, ao sabor dos convites: no MIT (Massachusetts Institute of Technology – Boston) como pesquisador; e como professor convidado nas

universidades de Toronto (Canadá), Caracas (Venezuela), Dar-es-Salam (Tanzânia), Columbia University (New York). Esse período abre uma longa caminhada em direção à teorização em Geografia, com o intenso aproveitamento das ricas bibliotecas das grandes universidades. Primeiro uma ampliação do foco com o livro *Les Villes Du Tiers Monde*, 1971, onde já aparece o interesse em estudar as peculiaridades da economia urbana dos países então chamados subdesenvolvidos, caracterizada pelos seus dois circuitos, superior e inferior, e resultando no livro *L'Espace Partagé: les deux circuits de l'économie des pays sous-développés* publicado em francês em 1975, em inglês e português em 1979. [...] Em 1994, recebe o Prêmio Internacional de Geografia Vautrin Lud. (...) Doze universidades brasileiras e sete universidades estrangeiras lhe outorgaram o título de Doutor Honoris Causa⁴.

Milton Santos reposicionou o papel da Geografia no contexto das Ciências Sociais, a partir da construção de uma Teoria Social Crítica, onde o Espaço assume protagonismo no movimento de ressignificação da História. Sua produção teórica é fruto da agudez de raciocínio e do rigor da disciplina, mas também esteve aberta à emoção, na aproximação da verdade:

Esse aspecto mostra também a diferença entre o artista e o homem da universidade na direção da verdade. O grande artista é livre e sabe que, se não há emoção, ele não se aproxima da verdade. E o homem da universidade imagina que tem de reprimir a emoção para produzir. (SANTOS, 2002b, p.62)

Por que ele diz que a emoção é fundamental à aproximação da verdade? Tomaremos aqui a emoção por uma qualidade de sentimento e utilizaremos a Phaneroscopia de Peirce para analisar a qualidade de sentimento nela mesma, sem referência a qualquer outra coisa, e associá-la à introdução de novas ideias no contexto das Ciências Particulares.

Esse exercício introdutório é necessário, uma vez que todo o fundamento da filosofia de Peirce foi construído no alicerce da Phaneroscopia, de onde derivaram as categorias peirceanas e a Semiótica – esta, apenas um ramo no edifício filosófico de Peirce:

Nessa medida, sem uma inteligibilidade cuidadosa e acurada das categorias peirceanas, assim como de sua phaneroscopia (descrição dos Phanerons ou fenômenos), muito pouco pode toda sua teoria ser compreendida, principalmente a Semiótica, que da Fenomenologia

⁴ Site feito e mantido pela família de **Milton Santos**. Disponível em: <<http://miltonsantos.com.br/site/biografia>>. Acesso em: 25 nov. 13.

extraí todos os seus princípios. (SANTAELLA, 1983, p. 6)

Utilizaremos a Phaneroscopia de Peirce e apresentaremos suas Categorias, a fim de ressaltar três características presentes no pensamento de Milton Santos: a emoção, a força com que atualidade se impôs aos seu pensamento e a razão, na busca da inteligibilidade do Espaço. A Phaneroscopia de Peirce se ocupa dos elementos formais do Fenômeno (*Phaneron*), considerado como o coletivo total do que aparece a uma mente, sem se preocupar se há correspondência a algo real. Por isso em nada se aproxima da Metafísica. É um exercício de Lógica que inicia na observação da experiência:

What I term phaneroscopy is that study which, supported by the direct observation of phanerons and generalizing its observations, signalizes several very broad classes of phanerons; describes the features of each; shows that although they are so inextricably mixed together that no one can be isolated, yet it is manifest that their characters are quite disparate; then proves, beyond question, that a certain very short list comprises all of these broadest categories of phanerons there are; and finally proceeds to the laborious and difficult task of enumerating the principal subdivisions of those categories.⁵ CP 1.286⁶

Existem fenômenos que evidenciam qualidade de sentimentos, como a emoção quando ouvimos uma música, ou quando contemplamos uma construção teórica coerente do Espaço Humano. “O grande artista é livre e sabe que, se não há emoção, ele não se aproxima da verdade” (SANTOS, 2002b, p. 62). De fato, a qualidade de sentimento está associada à liberdade e participa da produção de conhecimento acerca da verdade. Mas como?

Primeiro, vamos exemplificar um fenômeno que evidencia essa qualidade de sentimento – qualidade essa que Peirce identificou como uma característica passível de generalização. Uma pessoa que não entende nada de música percebe a melodia de *Coração que Sente* (1903), de Ernesto Nazareth (1863-1934) e, imediatamente, é

⁵ “O que denomino faneroscopia é o estudo que, apoiado pela observação direta de phanerons e generalizando suas observações, sinaliza várias classes muito amplas de phanerons; descreve as características de cada um; mostra que, embora eles sejam tão intrinsecamente misturados que nenhum possa ser isolado, ainda assim é manifesto que suas características sejam bastante díspares; então prova, sem sombra de dúvida, que uma certa lista muito curta que compreende todas estas amplas categorias de phanerons existe e, finalmente, procede à tarefa trabalhosa e difícil de enumerar as principais subdivisões dessas categorias”. (tradução nossa)

⁶ Nas citações da obra PEIRCE, C. S. **The collected papers of Charles Sanders Peirce**: electronic edition. Utah: Folio Corporation, 1994. v. i-viii., será utilizada a sigla “CP” seguida do número do volume e parágrafo.

tomada por um sentimento pungente de ternura. Se alguém lhe pergunta o que houve, ou ela mesma se pergunta, é provável que diga algo como não “sei explicar, me senti..., me lembrou... quando escuto, penso...” e assim vai adjetivando, predicando o que, na origem, não tem explicação. No momento imediato em que comunga com a música essa qualidade de sentimento (o fenômeno que pretendemos analisar, a despeito da música ou do ouvinte), o encontro flui livremente, sem nenhuma resistência. Ele é aberto porque ocorre na categoria da qualidade: futuras tentativas de interpretações cabem possíveis, mas em sua imediaticidade, só pode ser acessado por intuição.

Uma qualidade de sentimento é vaga e incerta porque passa de forma muito tênue pelo crivo da percepção; ela não chega a percorrer todo o caminho da percepção que termina em um julgamento. Não tem referência a nenhum outro fenômeno, está na categoria do ser, mas não um ser enquanto abstração, porque, nesse caso, já é resultado da razão, mas enquanto ser idiossincrático, livre e original. Independe de toda a força e da razão, simplesmente é, sem referência a qualquer outra coisa. E, por se dar assim a conhecer, permite inúmeras significações posteriores por intuição, mas seu frescor escapou em seu acontecer, que ficou no passado.

No plano do raciocínio, aquilo que se apresenta na experiência como qualidade e possibilidade – justamente por ser aberto a inúmeras significações, permite a construção de hipóteses e a entrada de novas ideias. Então, a abertura para o novo e para a descoberta não vale apenas para a Arte; vale também para as Ciências Particulares:

Quer dizer, o existir como condição para ver o mundo. E isso inclui, em primeiro lugar, a emoção. Porque a razão reduz a força de descobrir, porque só a emoção nos leva a ser originais. Não só a emoção, claro, mas por meio dela é mais rápido. Propor uma coisa nova na universidade é muito difícil, embora seja o lugar da proposição do novo. (SANTOS, 2002b, p. 64).

Milton Santos trata da emoção como chave de sua originalidade, mas a condição para ver o mundo está no existir. E aqui, mais do que estar vivo, que seria a condição fisiológica para ver, ele significa atualidade. Peirce diz que “existência é presença em algum universo experiencial [...] e essa presença implica que cada existente está em reação dinâmica com cada outro neste universo” (CP 1.329). Nessa perspectiva, o fenômeno se mostra na evidência da reação que ocorre no encontro das presenças de um com cada outro, no agora da atualidade:

[...] for the real is that which insists upon forcing its way to recognition as something other than the mind's creation. [...] The real is active; we acknowledge it, in calling it the actual. (This word is due to Aristotle's use of {energeia}, action, to mean existence, as opposed to a mere germinal state.)⁷ CP 1.325

No plano dos existentes, é onde se evidencia com maior clareza a relação do externo/interno, o eu e o não eu; é o encontro caracterizado pela resistência entre dois. Tomemos o mesmo exemplo da música brasileira, mas aqui estão um músico tocando seu piano e alguém que o escuta. A melodia vai se desenvolvendo até que o músico desafina uma nota. Nesse momento, o som dissonante se faz ouvir. A presença e a atualidade da nota desafinada se impõem pela interrupção do fluxo constante e melodioso do piano, despertando o ouvinte de seu escutar. Nesse encontro, o fenômeno se faz perceber pela dualidade da ação e reação entre existentes.

Ao contrário da ternura, qualidade de sentimento que comungavam tanto a música quanto o ouvinte, a nota desafinada chama a atenção por sua força de existente, materializada em ondas sonoras inadequadas a invadir um ouvido. Esse encontro é da ordem de ocorrências de entidades em fricção, em binariedade. A diferença da primeira experiência para a segunda está no fato de que, sendo a ternura uma qualidade de sentimento, ela apenas adjetiva o existente, mas não depende dele em sua própria autonomia de ser. A ternura é solta, livre, apesar “de estar encarnada em uma matéria” (SANTAELLA, 1983, p. 10). Já no encontro caracterizado pela reação de um com cada outro na atualidade, dois existentes se percebem pela força da dualidade. Um encontro de ondas dissonantes e um ouvido, de tal forma que se alguém perguntar o que houve, agora o ouvinte não terá dificuldades em apontar a causa do seu desconforto: o ruído.

A atualidade, assim, se força ao conhecimento por se opor a outro existente qualquer. No mundo, todos os objetos em extenso, usando a expressão de Milton Santos, se mostram simplesmente por serem presenças e atualidades em oposição de uns com outros. Quem caminha desavisado e esbarra em qualquer um deles, percebe-os no encontro com algo distinto dele próprio:

O simples fato de estarmos vivos, existindo, significa, a todo

⁷ “[...] Porque o real é o que insiste em forçar seu caminho para o reconhecimento como algo diferente de criação da mente. [...] O real é ativo, nós o reconhecemos, chamando-o de atual. (Esta palavra é devido ao uso de Aristóteles de {energeia}, ação, no sentido de existência, em oposição a um mero estado germinal.” (tradução nossa)

momento, consciência reagindo em relação ao mundo. Existir e sentir a ação de fatos externos resistindo à nossa vontade. É por isso que, proverbialmente, os fatos são denominados brutos: fatos brutos e abruptos. Existir é estar numa relação, tomar um lugar na infinita miríade das determinações do universo, resistir e reagir, ocupar um tempo e espaço particulares, confrontar-se com outros corpos [...] (SANTAELLA, 1983, p. 10).

Suponhamos, agora, que nosso músico toca para um professor, em audição. Nesse contexto, para o ouvido musical, o que está em evidência é a adequação do que sai do piano à sequência formal de notas e compassos, dispostos na convenção da linguagem em partitura. Com a representação permitida por esse terceiro, convencionada na linguagem de claves e notas, é possível estabelecer várias relações de sons. As claves e notas, como formas expressivas, são representações e têm um poder de suscitar outras representações, que dizem de sons também, a partir da “leitura” que fazem das representações anteriores, em um movimento de produção de sentido. E o som como existente é a fonte de todo esse movimento.

Na Phaneroscopia de Peirce, essa terceira forma do fenômeno se forçar a conhecer está na Mediação, quando põe em conexão dois, por meio de Razão ou de Lei. Nesse sentido, não pode ser equiparada à dualidade presente no encontro de existentes em que o um se polariza em força bruta com cada outro, em uma relação dual; e tampouco pode ser equivalente à qualidade de sentimento que, em seu estado potencial, é livre e independe de qualquer outro, quando se mostra evidenciada em fenômeno. Assim, ao pôr em conexão um primeiro e um segundo, é um terceiro, uma totalidade, que não pode ser decomposta nem em um nem em dois, pois ultrapassa a existência e a mera qualidade:

[...] pure dyadism is an act of arbitrary will or of blind force; for if there is any reason, or law, governing it, that mediates between the two subjects and brings about their connection. The dyad is an individual fact, as it existentially is; and it has no generality in it. The being of a monadic quality is a mere potentiality, without existence.⁸
CP 1.328

⁸ “[...] *Dyadism* puro é um ato de vontade arbitrária ou de força cega, pois se houver qualquer motivo, ou lei, que o rege, faz a mediação entre os dois assuntos e traz sua conexão. A díade é um fato individual, uma vez que é existencialmente, e não há generalidade nele. O ser de uma qualidade monádica é uma mera potencialidade, sem existência.” (tradução nossa, grifo nosso)

2. AS CATEGORIAS FENOMENOLÓGICAS DE PEIRCE

Assim como Kant, Peirce sustenta a validade objetiva do conhecimento. Ocorre que, ao contrário de Kant, cujas categorias são dadas *a priori*, fundadas na lógica do pensamento, em Peirce as categorias são fundadas a partir da experiência. Sua fenomenologia desloca a metafísica do sujeito para o Signo, único mediador entre o mundo nele mesmo e o mundo enquanto representado:

Kant oferece-nos a visão errônea de que as idéias se apresentam separadamente e são, posteriormente, juntadas pela mente. Esta é a doutrina segundo a qual uma síntese mental precede toda a análise. O que na verdade acontece é que se apresenta algo que, em si mesmo, não tem partes mas que, não obstante, é analisado pela mente, isto é, o fato de ter ele partes consiste no fato de a mente, posteriormente, reconhecer essas partes. Aquelas idéias parciais não estão, realmente, na primeira idéia, em si mesma, apesar de serem dela extraídas. [...] Quando, tendo-as assim separado, pensamos sobre elas, somos conduzidos, a despeito de nós mesmos, de um pensamento para outro, e nisto reside a primeira síntese real. Uma síntese anterior a isso é uma ficção. (PEIRCE, 2012, p. 17).

Peirce chegou a essa generalização depois de muitos anos de trabalho que resultaram em uma lista curta de Categorias que, elaboradas inicialmente a partir do pensamento, foram estendidas depois à natureza. As categorias são ditas universais, uma vez que valem para toda experiência, e são elementares porque reúnem a totalidade do mundo em sua diversidade, em formas lógicas e abstratas:

Analiso a experiência e nela encontro três elementos. Denomino-os Categorias. Pudesse eu transmiti-las ao leitor do modo tão vívido, claro e racional como se me apresentam! (PEIRCE, 2002, p. 22-23).

Toda a semiótica de Peirce está baseada na ideia de triadicidade, que parte da concepção de que o real, enquanto qualquer coisa fora de qualquer pensamento, ou enquanto coisa manifesta a um observador, apresenta três tipos de correspondentes a três, e somente três, categorias: Primeiridade, Secundidade e Terceiridade.

A Primeiridade é possibilidade ou categoria do Ser, é mera qualidade de sentimento nela mesma, sem referência a nenhum outro; a Secundidade tem caráter singular e accidental, refere-se ao registro através da resistência entre existentes; a Terceiridade, como aquilo que põe em relação um primeiro e um segundo, é a

capacidade de representar, de significar, e coincide com o conceito de Mediação ou Signo. São Categorias derivadas da experiência, mas que sofreram tratamento a partir da Lógica das relações:

Logical analysis is not an analysis into existing elements. It is the tracing out of relations between concepts on the assumption that along with each given or found concept is given its negative, and every other relation resulting from a transposition of its correlates.⁹ CP 1.294

Em sua aplicação recursiva, um terceiro pressupõe um segundo e um primeiro; e um segundo pressupõe um primeiro. Mas o terceiro não pode ser decomposto em dois; o segundo não pode ser decomposto em um; e o um é nele mesmo, sem referência a dois ou a três. Pela análise dos elementos que não podem ser decompostos, deriva-se que não há uma quarta categoria:

It is a priori impossible that there should be a indecomposable element which is relative to a second, a third, and a fourth. The obvious reason is that that which combines two will by repetition combine any number. Nothing could be simpler; nothing in philosophy is more important.¹⁰ CP 1.298

Do escrutínio da aparição direta dos fenômenos e no esforço de combinar uma minuciosa exatidão com a mais ampla possibilidade de generalização, Peirce observou que os fenômenos aparecem misturados e a distinção é qualitativa, a depender de quão mais evidenciada está uma determinada característica. Se voltarmos ao terceiro exemplo da valsa, é possível observar que todas as Categorias estão imbricadas na execução de *Coração Que Sente*, de Ernesto Nazareth. Se a música é tocada com perfeição, é a Primeiridade, como qualidade de sentimento, que fica evidenciada. Mas, de forma discreta, a execução acontece no nível da existência e da atualidade. Assim, a Secundidade pode, a qualquer momento, ser fazer evidenciar no bater de uma porta, em um espirro acidental ou no desafinar da nota. E o que faz a música em sua totalidade é a Terceiridade presente na sequência dos sons, um ordenamento necessário de combinações, cuja exatidão pode ser representada em compasso e notas, em linguagem musical.

⁹ “A análise lógica não é uma análise de elementos existentes. É o traçado de relações entre conceitos no pressuposto de que, juntamente com cada conceito dado ou encontrado, é dado sua negativa, e qualquer outra relação que resulta de uma transposição de seus correlatos.” (tradução nossa)

¹⁰ “É impossível *a priori* que deva haver um elemento que não possa ser decomposto, que seja relativo a um segundo, um terceiro e um quarto. A razão óbvia é que o que combina dois irá, por repetição, combinar qualquer número. Nada poderia ser mais simples, nada em filosofia é mais importante.” (tradução nossa, grifo nosso)

3. MILTON SANTOS À LUZ DAS CATEGORIAS PEIRCEANAS

A Categorias peirceanas são distintas qualitativamente, ainda que os fenômenos apareçam intrinsecamente misturados. Por exemplo, a Secundidade pode ser evidenciada de forma mecânica quando esbarramos em uma quina de mesa ou em outra pessoa, mas pode ocorrer também no âmbito da razão, quando duvidamos. A dúvida e a negação são exemplos significativos de Secundidade, porque evidenciam uma relação eminentemente dual, polarizada. A mesma relação pode ser aparecer no contexto da linguagem, quando, por exemplo, escrevemos “Milton Santos”. Essa forma expressiva, escrita entre aspas, está para aquele que nasceu em Brotas de Macaúba, no interior da Bahia, um singular entre os existentes singulares, e assim ocorre com todos os nomes próprios. Quando falamos em um contexto de diálogo banal, todos os pronomes demonstrativos e advérbios de tempo e lugar (este, aquela, isso, lá, hoje, etc.) contextualizam os existentes e são evidências de Secundidade.

Quanto ao plano do pensamento, qualquer geógrafo que, ao partir do mundo físico, se limite a descrever as relações entre o meio geográfico em polaridade com o homem terá um pensamento marcado pela Secundidade:

[...] Again, the kind of thought of those dualistic philosophers who are fond of laying down propositions as if there were only two alternatives, and no gradual shading off between them, as when they say that in trying to find a law in a phenomenon I commit myself to the proposition that law bears absolute sway in nature, such thought is marked by Secondness.¹¹ CP 1.325

No plano do pensamento, quando pretendemos explicar de forma sistemática o que percebemos, temos que lançar mão da Razão, porque toda explicação é um Signo gerando outro Signo e assim por diante. Elaborar uma teorização é passar de um significado a outro, desvelando e produzindo novos entendimentos possíveis. Assim, uma construção teórica está em nível da Razão, da Terceiridade, porque é generalização.

Em nossa avaliação, o que distingue Milton Santos em seu processo de teorização é a forma qualitativa com que as Categorias peirceanas afloram em seu

¹¹ “[...] Mais uma vez, o tipo de pensamento dos filósofos dualistas que gostam de estabelecer proposições como se houvesse apenas duas alternativas, e sem sombreamento gradual entre elas, como quando dizem que na tentativa de encontrar uma lei em um fenômeno comprometem-se com a proposição de que a lei tem domínio absoluto na natureza, tal pensamento é marcado pela Secundidade.” (tradução nossa)

pensamento, qualificando-o como um pensador em seu tempo. Sabemos que tais Categorias são onipresentes nos fenômenos, inter-relacionadas e inseparáveis, mas há momentos em que determinada Categoria se evidencia e toma conta do fenômeno. São esses momentos qualitativos que pretendemos identificar, por ora, para analisar o pensamento de Milton Santos. E aqui entra a complexidade do pensamento desse geógrafo: seu pensamento estava aberto à Primeiridade, em emoção, exemplificada pela entrada do novo na elaboração de novas hipóteses; estava aberto à Secundidade, exemplificada pela força com que a atualidade do Mundo se impôs a sua teorização e da qual nunca se afastou; estava aberto, também, à Terceiridade, na Razão que guiou sua busca pela inteligibilidade do Espaço. Uma Terceiridade marcada pelo estabelecimento de novas associações entre conceitos, vistos, não como coisas em si, mas valorados nas relações que encerram.

A análise do pensamento de Milton Santos permite observar a entrada no novo em um processo de generalização, que é a ação qualitativa da Primeiridade. É possível percebê-la, na relevância que Milton Santos deu ao papel da imaginação e ao que ele chamou de pré-ideias:

[...] toda tarefa pioneira exige do seu autor um esforço enorme para perder a memória, porque o novo é ainda o não feito ou ainda não codificado. O novo é de certa forma, o desconhecido e só pode ser conceitualizado com imaginação e não com certezas. Por isso, não devemos ter medo de apresentar como resultado do nosso esforço aquilo que é mais importante para fazer participar a outros a nossa busca, aquilo a que chamaríamos de pré-ideias. A ideia, tal como se transmite, é já uma codificação, o aprisionamento do conceito por uma linguagem, enquanto que a pré-ideia é ideia em vias de criar-se, de tal forma que sua exposição insere o leitor no próprio processo de sua produção. (SANTOS, 2002c^[1978], p. 25-26).

O desprendimento em permitir a ação da imaginação e o estar atento à pré-ideia permitiram que Milton Santos se aproximasse de uma sistematização que não excluísse a espontaneidade própria do movimento da atualidade. O que caracteriza esse tipo de raciocínio é que ele supõe o esforço do próprio pesquisador em intuir o abstrato em uma forma concreta, permitindo a incidência da Primeiridade no plano do raciocínio. Peirce (2012) descreve esse processo como hipostatização:

As realidades compelem-nos a colocar algumas coisas num relacionamento estrito, e outras num relacionamento não tão estrito, de um modo altamente complicado e ininteligível para o próprio sentido: mas é a habilidade da mente que apanha todas essas sugestões

de sentido, acrescenta muita coisa a elas, torna-as precisas e as exhibe numa forma inteligível nas intuições do espaço e do tempo. Intuição é a consideração do abstrato numa forma concreta, através da hipostatização realística das relações; esse é o único método de pensamento válido. (PEIRCE, 2012, p. 17).

Muito superficial é a noção, que predomina, segundo a qual isto é algo a ser evitado. Seria possível dizer, da mesma forma, que o raciocínio deve ser evitado porque tem levado a elaboração de tantos erros; isso estaria na mesma linha filistina de pensamento, e tão de acordo com o espírito do nominalismo que me surpreendo por alguém não levá-lo adiante. O preceito verdadeiro não é abster-se da hipostatização, mas sim realizá-la inteligentemente. (PEIRCE, 2012, p. 17).

Quando Milton Santos diz que “toda tarefa pioneira exige do seu autor um esforço enorme para perder a memória, porque o novo é ainda o não feito ou ainda não codificado”, ele abre a possibilidade da entrada de novas hipóteses capazes de oferecer “um novo elenco de relações” possíveis de aplicação à realidade em movimento. E esse esforço de Milton Santos vem do desejo de explicar a atualidade que se força à sua observação, com a força da presença de existente que é. Como diz Peirce “As realidades compelem-nos” e os fatos se apresentam concretamente, em evidências na atualidade a exigir novas interpretações:

Essa questão não pode ser resolvida fora da história: é da observação dos fatos concretos, na forma como eles se apresentam concretamente, que se impõe aos diversos especialistas um novo elenco de relações, dispostas sistematicamente e cuja força para deslocar as teorias precedentemente vigentes vem do fato de que o novo sistema de ideias é retirado da própria realidade e não de uma filosofia qualquer. (SANTOS, 2002b^[1978], p. 195).

A realidade se apresentou primeiramente a Milton Santos, impactado pelo movimento de famílias brasileiras em situação de vulnerabilidade social, de um lugar a outro. Uma realidade carregada de espacialidade, de movimento e de humano. As desigualdades dos lugares e as manifestações locais da vida no espaço banal – que reúne o viver comum do todos – são as espacialidades primeiras que chamam eticamente esse geógrafo a questionar as formas como a história se espacializa e como, na análise de um mundo globalizado, a teorização dever ser prospectiva, partindo da análise da realidade atual em movimento, atentando para a parte do presente que se projeta no futuro.

É Milton Santos quem diz “[...] à elaboração da ideia precede o encontro da linguagem necessária a exprimi-la corretamente. O criador da ideia trabalha com o vocábulo de que dispõe, isto é, um elenco de palavras destinadas a exprimir um

conjunto de pensamentos que ele deseja substituir por um outro”. (2002c^[1978], p. 26). Para expressar sua ideia de unicidade do Espaço, Milton Santos propõe seu conceito último, presente na obra A Natureza do Espaço:

Nossa proposta atual de definição da Geografia considera que a essa disciplina cabe estudar o conjunto indissociável de sistema de objetos e sistema de ação que formam o espaço. [...] O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e contraditório, de sistema de objetos e sistema de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 62-63).

PARTE II: O LIVRO

Brasil amado não porque seja a minha pátria,
Pátria é acaso de migrações e do pão-nosso onde Deus der
Brasil que eu amo porque é o ritmo do meu braço aventureiro
o gosto dos meus descansos,
o balanço das minhas cantigas, amores e danças.
Brasil que eu sou porque é a minha expressão muito engraçada,
porque é o meu sentimento muito pachorrento,
porque é o meu jeito de ganhar dinheiro, de comer e de dormir.

Mário de Andrade - trecho "O poeta come amendoim"

4. O ENUNCIADO VERBAL DE MILTON SANTOS

Milton Santos reposicionou o papel da Geografia no contexto das Ciências Sociais a partir da construção de uma Teoria Social Crítica, em que o Espaço assume protagonismo no movimento de ressignificação da História. A Natureza do Espaço ganhou o Prêmio Jabuti de 1997, da Câmara Brasileira do Livro, como o melhor livro de Ciências Humanas. Seus fundamentos, retirados da compreensão de Milton Santos acerca da realidade total, são construídos por meio de uma síntese complexa, na qual a interdisciplinaridade é tratada de forma substantiva, capaz de atrair pesquisadores formados em outras áreas de conhecimento.

Tomaremos o livro A Natureza do Espaço como enunciação verbal, conceito bakhtiniano que caracteriza o livro como um ato de fala escrito e o situa frente às outras produções do próprio Milton Santos e de outros pensadores. Mais do que identificá-lo em uma sequência cronológica da produção bibliográfica do geógrafo, Bakhtin nos permite incluir o livro no fluxo contínuo e vivo da comunicação verbal. Com isso, podemos sinalizar a relevância do livro para a discussão ideológica à época de sua enunciação. Para Bakhtin, um livro é um Signo e os Signos têm natureza material e ideológica.

Os Signos também são objetos naturais, específicos, [...] todo produto natural, tecnológico ou de consumo pode tornar-se Signo e adquirir assim, um sentido que ultrapasse suas próprias particularidades. Um Signo não existe apenas como parte de uma realidade, ele também

reflete e refrata uma outra. [...] O domínio do ideológico coincide com o domínio dos Signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o Signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo o que é ideológico possui um valor semiótico. (BAKHTIN, 1992, p. 32).

A ideologia não tem caráter alienante em Bakhtin, porque ela é intrínseca ao Signo. O que ocorre são embates de ideologia no movimento dos Signos em refletir e refratar a realidade. Ao contrário do Signo de Peirce, composto por três posições lógico-formais, o Signo de Bakhtin tem dois efeitos: o de refletir e o de refratar a realidade em um confronto de ideologias. O ato de fala do Signo é o que dá o contexto e sua materialidade, situando-o em um momento histórico. Assim, os estudos de Bakhtin foram centrados nas funções comunicativas da linguagem, cujos fundamentos giram em torno de dois conceitos centrais: *o enunciado verbal e os gêneros do discurso*.

Os *gêneros do discurso* são os tipos relativamente estáveis de enunciados que caracterizam cada esfera de utilização da língua. Os gêneros diferenciam-se em primários e secundários. Os primários são mais simples e dados na comunicação verbal espontânea, na réplica do diálogo cotidiano e banal. E os secundários estão em um sistema mais complexo de uma comunicação cultural, nas produções principalmente escritas: científicas, artísticas, sociopolíticas. O livro *A Natureza do Espaço* é um Signo cujo gênero é secundário, mas permanece enquanto comunicação verbal viva.

A língua é marcada pelos gêneros secundários que incorporam elementos dos gêneros primários, e essa incorporação permite o desenvolvimento e as mudanças históricas dos estilos de linguagem. Tanto os gêneros primários quanto os secundários são enunciados verbais, portanto, concretos. A fala como elemento estruturante garante o caráter dinâmico e vivo da língua:

A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua. O enunciado situa-se no cruzamento excepcionalmente importante de uma problemática. É deste ângulo que vamos estudar algumas áreas e alguns problemas da linguística. (BAKHTIN, 1997, p. 282).

O *enunciado verbal* é a unidade mínima de análise da comunicação verbal. Pode ser uma única palavra ou uma combinação de várias. O que o define não são as propriedades da língua (palavra, frase, oração, etc.), mas seu caráter dialógico e sua totalidade. São três fatores indissociáveis que caracterizam um enunciado verbal, seja ele um diálogo banal ou um livro: o tratamento do objeto do sentido, capaz de suscitar

uma atitude responsiva; a intencionalidade do locutor, o seu quere-dizer; e a forma de estruturação do gênero do acabamento. Para Bakhtin, tanto o falante do diálogo banal, quanto o escritor de um livro, que é gênero secundário, são locutores, falantes que emitem seus enunciados em direção ao horizonte social em que se situam.

As fronteiras de um enunciado são dadas pelo outro, quando se faz possível uma compreensão responsiva ativa, não importa se materializada em uma palavra ou em uma oração, conquanto seja capaz de, em sua unidade, permitir a alternância dos sujeitos falantes:

O locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão ativa do outro. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes, e que termina por uma transferência da palavra ao outro, por algo como um mudo *dixi* percebido pelo ouvinte, como sinal de que o locutor terminou. (BAKHTIN, 1997, p. 294, grifo do autor).

A totalidade de um enunciado verbal está no tratamento do objeto do sentido do enunciado, no querer dizer do locutor e na escolha do gênero do discurso. Nos gêneros primários, que ocorrem na esfera da comunicação verbal da vida cotidiana, essa totalidade é fácil de ser percebida. No diálogo banal, existe uma padronização relativa do gênero do discurso e o fluxo da comunicação verbal é bem marcado pela alternância dos locutores, ainda que caiba espaço para a criatividade. Por exemplo, a exaustão de um tema é facilmente percebida nas perguntas factuais do cotidiano – em que o enunciado pode ser tanto uma palavra, uma oração ou uma interjeição. Na alternância dos interlocutores, as fronteiras do enunciado são claras e logo se percebe o momento exato de uma resposta factual. O outro sabe bem a hora em que deve falar, porque percebe que houve um tratamento exaustivo do tema por parte de seu interlocutor.

A padronização na esfera de comunicação verbal no contexto da vida militar pode ser exemplificada na sequência de ordens e comandos. Outro exemplo banal do cotidiano é quando um aluno despreparado entra em uma sala de aula e vê seus pares enfileirados, com o professor distribuindo testes. Basta que o aluno emita uma pequena interjeição de surpresa para que alguém o responda “na próxima, você estuda”. Em sua totalidade, a interjeição é um enunciado que carrega a intencionalidade do locutor e, ainda que curto, esgota o tema e abre a possibilidade de respostas factuais da mesma natureza. No exemplo dado, o que caracteriza o enunciado não é a interjeição, que seria

apenas uma propriedade da língua, mas é o esgotamento do tema que encerra a intencionalidade do falante.

Essa alternância dos sujeitos falantes também é característica das obras científicas, ainda que assumam um caráter específico em relação aos gêneros primários, visto que dadas em um contexto bem mais complexo que o diálogo cotidiano. Ainda assim, uma obra ocupa uma posição relacional, tanto em relação a obras passadas do próprio autor e de outros, quanto em relação a obras futuras, na medida em que um enunciado, por ser dialógico, antecipa repostas que ainda não foram ditas:

A obra predetermina as posições responsivas do outro nas complexas condições da comunicação verbal de uma dada esfera cultural. A obra é um elo da cadeia da comunicação verbal; do mesmo modo que a réplica do diálogo, ela se relaciona com as outras obras-enunciados: com aquelas a que responde e com aquelas que lhe respondem e, ao mesmo tempo, nisso se assemelham à réplica do diálogo, a obra está separada das outras pela fronteira absoluta da alternância dos sujeitos falantes. (BAKHTIN, 1997, p. 294).

Para Bakhtin, o texto escrito é um ato de fala, tem caráter dialógico e pressupõe a categoria do ouvinte como parte inseparável e constitutiva do enunciado. Dialógico não se confunde com diálogo, este tomado apenas como forma composicional do discurso, quando se contrapõe a outro de forma monologizada. Dialógico é o caráter inerente à palavra de incorporar a palavra do outro e, simultaneamente, estar direcionada para uma resposta, no desejo de antecipá-la. “Formando-se numa atmosfera do já-dito, a palavra é ao mesmo tempo determinada pelo que ainda não foi dito mas que é esperado e de fato antecipado pela palavra-resposta. Tal é a situação de qualquer diálogo vivo.” (BAKHTIN, 1981, p. 208). Por isso que o Signo de Bakhtin reflete e refrata a realidade e o ouvinte não é o interlocutor concreto apenas, mas o horizonte social ao qual o falante se dirige e sobre o qual todo Signo ganha seu sentido.

Vamos então tomar A Natureza do Espaço enquanto um enunciado verbal, um ato de fala de Milton Santos que, enquanto um locutor em seu tempo, responde, discorda e antecipa respostas de outros locutores. A Natureza do Espaço é um ato de fala que carrega uma intencionalidade e uma totalidade caracterizadas pelos limites dados por outras obras, anteriores e futuras, dele e de outros pensadores. Um Signo inserido no fluxo de comunicação verbal, como ato da fala impresso, para responder e antecipar outras obras-enunciados, em um complexo embate ideológico:

O livro, isto é, o ato da fala impresso, constitui igualmente um elemento da comunicação verbal. Ele é objeto de discussões ativas sob a forma de diálogo e, além disso, é feito para ser apreendido de maneira ativa, para ser estudado a fundo, comentado e criticado no quadro do discurso interior, sem contar as reações impressas, institucionalizadas, que se encontram nas diferentes esferas da comunicação verbal (críticas, resenhas, que exercem influência sobre os trabalhos posteriores, etc.). Além disso, o ato de fala sob a forma de livro é sempre orientado em função das intervenções anteriores na mesma esfera de atividade, tanto do próprio autor como as de outros autores: ele decorre portanto da situação particular de um problema científico ou de um estilo de produção literária. Assim, o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc. (BAKHTIN, 1992, p. 123).

Em sua totalidade, A Natureza do Espaço é uma obra-enunciado cujos limites são dados na alternância das outras obras-enunciados, no contexto da Geografia e de outras Ciências Sociais. Essa Dissertação pretende ressaltar a importância do livro como um Signo ideológico direcionado à ideologia dominante da época e oferecer um caminho outro, ao apresentar o Espaço como um híbrido.

Primeiro, posicionamos o livro como Signo inserido dentro de uma cadeia ininterrupta de um Signo a outro e, segundo, consideramos Milton Santos como um locutor em seu tempo. Assim, sua produção é uma interpretação de Signos anteriores e quando Milton Santos faz a *enunciação verbal* de A Natureza do Espaço, a enunciação em sua totalidade já encerra uma resposta a outras enunciações:

O próprio locutor como tal, é em certo grau, um respondente, pois não é o primeiro locutor, que rompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo, e pressupõe não só a existência do sistema de línguas que utiliza, mas também a existência dos enunciados anteriores – emanentes dele mesmo e do outro – aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação (fundamenta-se com eles, polemiza com eles), pura e simplesmente ele já os supõe conhecidos do ouvinte. (BAKHTIN, 1997, p. 291).

Quando contextualizamos o tratamento do objeto do sentido em outras esferas da comunicação verbal, a exaustão do tema é relativa, como é o caso das esferas criativas, em particular nas Ciências. O objeto, enquanto tema científico, é inesgotável e pode sofrer diversas abordagens, a partir da intencionalidade de seu autor. Mas o que dará o acabamento será o querer dizer do autor atrelado a um tratamento mínimo do tema que seja capaz de gerar uma atitude responsiva ativa.

Os geógrafos conhecedores da produção intelectual de Milton Santos compreendem o seu intuito discursivo em apresentar uma Teoria Social Crítica para a Geografia a partir do tratamento do tema Espaço Humano. Percebem na leitura de suas obras o querer dizer do autor e o todo do enunciado. Essa atitude responsiva ativa deriva do fato desses geógrafos estarem implicados em uma comunicação verbal com os livros de Milton Santos, tomados como obras-enunciados. Nesse fluxo de comunicação, que se dá na esfera do conhecimento científico, a alternância de sujeitos falantes ocorre de forma diversa do diálogo da vida cotidiana, uma vez que a atitude responsiva ativa acontece em um tempo mais largo, inclusive na forma de outra obra-enunciado, que pode partir do próprio locutor ou de seus pares.

A totalidade da obra-enunciado, então, é dada pelo mínimo de tratamento do objeto, que é o tema, e este, por sua vez, é indissociável da intencionalidade e capaz de gerar uma atitude responsiva ativa, em um fluxo de comunicação que é concreto, dinâmico e contínuo:

O intuito, o elemento subjetivo do enunciado, entra em combinação com o objeto do sentido – objetivo – para formar uma unidade indissolúvel, que ele limita, vincula à situação concreta (única) da comunicação verbal, marcada pelas circunstâncias individuais, pelos parceiros individualizados e suas intervenções anteriores: seus enunciados. (BAKHTIN, 1997, p. 291).

As circunstâncias individuais de Milton Santos, além de ampliarem seus interlocutores para além da Geografia, inseriram sua fala em um fluxo de comunicação verbal mais dilatado, o que refletiu no tratamento que ele deu ao tema Espaço Humano. “Por uma Geografia Nova” é a obra-enunciado que marca esse momento, nela é possível perceber a inserção de outros enunciados, para além do contexto da Geografia.

As referências a outras áreas de conhecimento foram, em determinada medida, instigadas pela usurpação do exercício pleno da cidadania brasileira, forçada pelo contexto histórico de exceção pelo qual passava o Brasil à época:

É difícil falarmos de nós mesmos, mas pouco a pouco já vinha se dando, na minha obra, uma separação das prisões do empírico e a busca de uma construção mais filosófica. Quando escrevi Por uma Geografia Nova, vivia fora do País há muito tempo e a partir de um certo momento não conhecia mais o Brasil, porque o país mudou muito depois de 64, tanto em termos de materialidade como de relações sociais. Então, a filosofia era o único refúgio para mim, a

única forma de continuar vivendo.¹²

Isolando os dois enunciados de Milton Santos, Por uma Geografia Nova e A Natureza do Espaço, podemos tratar as duas obras que nos interessam em interlocução, simulando um diálogo desse geógrafo consigo mesmo. A intenção é sublinhar que o conceito de Espaço como conjunto indissociável de sistema de ação e sistema de objetos é um enunciado que contém uma resposta já antecipada em Por uma Geografia Nova. Não deixa de ser um exercício artificial, porque nele desconsideramos as alternâncias dos locutores em obras-enunciados que participaram desse amadurecimento, no fluxo verbal que ocorreu entre a escritura de uma obra e outra. Só para exemplificar o que deixamos de fora, Milton Santos dialogou com 570 títulos no livro A Natureza do Espaço. Mas como o enunciado é em si uma totalidade e já encerra a palavra do outro na palavra do locutor, em forma de antecipações de respostas, e como nosso interesse está em identificar na primeira obra e na segunda o querer dizer do autor, permanece como um exercício válido.

O intuito discursivo em apresentar um sistema descritivo e explicativo para a Geografia aparece no texto introdutório de Por uma Geografia Nova, que se pretendia como o primeiro de uma série de cinco livros destinados ao tema geral Espaço Humano:

Este volume pretende ser o primeiro de uma série de cinco, consagrados ao tema geral: *O Espaço Humano*. Este é um problema que, apesar de tratado extensivamente por diferentes especialistas mas sobretudo por geógrafos, durante mais de um século, ainda não havia dado lugar a uma tentativa de um sistema global, exceto na obra magistral de Maximilien Sorre¹³. Nossa tarefa, tentada em condições pessoais e históricas diferentes é pois, pretensiosa e árdua. A consciência dessa dificuldade nos faz declarar, logo de início, que se o nosso esforço, realizado durante anos a fio, tem sido enorme, os resultados a obter serão seguramente modestos. (SANTOS, 2002c^[1978], p. 20, grifo do autor).

Na Introdução de Por uma Geografia Nova, Milton Santos descreve cada volume futuro e seus respectivos temas, cujo conjunto expressaria sua contribuição para a construção de uma Geografia Crítica, orientada para a discussão mais ampla das questões sociais relacionadas ao Espaço Humano. Contudo, na obra já estava antecipada a possibilidade de um outro acontecer:

¹² Entrevista de Milton Santos, disponível em:

<<http://www.teoriaedebate.org.br/materias/nacional/miltonsantos>>. Acesso em: 06 jun. 2013.

¹³ Maximilian Joseph Sorre (1880 – 1962), geógrafo francês autor de *O Homem sobre a Terra*. Tratado da Geografia Humana.

A redação de um livro se faz ao mesmo tempo que novos conhecimentos afloram e novas ideias se elaboram; assim é bem possível que o plano dos volumes subsequentes sofra alterações, da mesma forma que o presente vê a luz seguindo um ordenamento que é bem diferente do projeto original”. (SANTOS, 2002c^[1978], p. 20- 21).

Para tratarmos em interlocução as duas obras, selecionamos um trecho de A Natureza do Espaço que faz menção ao mesmo desejo inscrito em Por uma Geografia Nova e a mesma reverência de Milton Santos a Maximilien Sorre. É um exemplo de como um ato de fala incorpora e antecipa a palavra do próprio locutor. Nessa alternância dialógica de enunciados, Milton Santos sinaliza o momento adiado em Por uma Geografia Nova: o da apresentação de um sistema descritivo e explicativo do Espaço. Em A Natureza do Espaço ele enuncia:

A pesquisa em que se baseia esta obra, e de que resultaram outros trabalhos, atravessa, pois, quase um quarto de século, arrastando com ela as consequências conhecidas neste gênero de exercício. Quanto à interpretação da atualidade, sabemos também, que nestes tempos, o tropel dos eventos desmente as verdades estabelecidas e desmancha o saber. Mas a moda avassaladora das citações frescas não pode eliminar os debates inspirados em ideias filosóficas cuja lição não é circunstancial. Talvez por isso mesmo, possamos escapar àquele medo de Maximilien Sorre, na Introdução ao seu Tratado, quando temia que certas páginas de seu livro pudessem estar envelhecidas antes de impressas. Daí a ressalva: “aceitarei esta desgraça sem estar demasiadamente afetado, se o leitor lhe quiser solicitar sobretudo uma orientação e um método”. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 17-18).

Nosso desejo explícito é a produção de um sistema de ideias que seja, ao mesmo tempo, um ponto de partida para a apresentação de um sistema descritivo e de um sistema interpretativo da Geografia. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 18).

Cotejando as duas citações, é possível identificarmos que A Natureza do Espaço é a materialização do projeto desejado e anunciado em Por uma Geografia Nova. A citação a Maximilien Sorre em ambos os livros também não é gratuita, é como se Milton Santos estivesse reservado a homenagem ao momento da enunciação do que se tornaria a apresentação da sua Teoria acerca do Espaço Humano. De fato, o livro A Natureza do Espaço é a obra-enunciado em que apresenta, em sua inteireza, um sistema descritivo e explicativo para a Geografia e seu conceito último de Espaço, um enunciado carregado de intencionalidade e direcionado a intervir na realidade de sua época:

A construção teórica é a busca de um sistema de instrumentos de análise que provém de uma visão da realidade e que permite, de um

lado, intervir sobre a realidade como pensador e, de outro, reconstruir permanentemente aquilo que se chamará ou não de teoria. (SANTOS, 2007, p. 161).

5. O ESPAÇO EM TÉCNICA E TEMPO, RAZÃO E EMOÇÃO

A construção de um sistema interior a cada ciência particular só pode ser feita se as categorias da análise são ajustadas às categorias do real. É o chegar a uma síntese, e ninguém ignora que sem síntese não há ciência. (SANTOS, 2002, p.149)

Representar em método e conceitos epistemológicos a mediação solidária e contraditória entre a ação humana e objetos valorados, que caracteriza a realidade em movimento, foi um desafio integralmente sistematizado na escritura do livro A Natureza do Espaço.

Nele, Milton Santos apresenta as categorias externas e internas ao Espaço e, a partir de suas articulações, propõe uma teoria da espacialidade para descrever e explicar a realidade em movimento. As categorias externas: a técnica, a ação, os objetos, a norma e os eventos, a universalidade e a particularidade, a totalidade e totalização, a temporalização e a temporalidade, a idealização e a objetivação, os símbolos e a ideologia. As categorias internas: a paisagem, a configuração territorial, a divisão territorial do trabalho, o espaço produzido ou produtivo, as rugosidades e as formas-conteúdo, os recortes espaciais, a tecnoesfera e a psicoesfera, a racionalidade do espaço, o conteúdo geográfico do cotidiano, a ordem mundial e a ordem local.

Em uma perspectiva relacional, cabe à categoria Técnica reunir as categorias externas às categorias internas e funciona como uma amálgama entre o homem e o mundo, na medida em que é a partir dela que a ação se espacializa. São os meios instrumentais e sociais dos quais o homem se utiliza para realizar sua vida.

Na primeira parte do livro, intitulada “Uma Ontologia do Espaço: noções fundadoras”, Milton Santos trabalha com os conceitos constitucionais do Espaço: a Técnica, o tempo e a intencionalidade, os sistemas de objetos e de ação, a idade de um

Lugar. Nela, o que fica evidente é a Terceiridade do Espaço, enquanto uma generalização que pretende cumprir a ambição que foi reservada à Geografia: “Uma Geografia social deve encarar de modo uno, isto é não separado, objetos e ações ‘agindo’ em concerto” (SANTOS, 2002^[1996], p. 86). Durante toda a primeira parte do livro, o Espaço se mostra em Terceiridade como aquilo que põe em relação um primeiro e um segundo. Como o terceiro não pode ser reduzido a uma relação de dois, teoricamente Milton Santos evita decompor o conceito de Espaço em relações de Secundidade, ou seja, relações duais entre ações e objetos; espaço e tempo; global e local.

O Espaço em Terceiridade é a indissociabilidade do sistema de ação e do sistema de objetos, agindo em concerto, e Milton Santos elege a Técnica como Mediação para viabilizar conceitualmente essa indissociabilidade. É a partir da Técnica que a ação humana incide sobre objetos já valorados e esses objetos dotados de intencionalidade retornam modificando e maturando o pensamento e a ação humana.

Os objetos são todos esses acréscimos que conferem um conteúdo técnico e informacional ao Espaço, são cidades, estradas hidroelétricas, fazendas, portos, etc., que formam uma extensão contínua permitida pela espacialidade, já que esta os dispõe como conjunto. Os objetos são resultados da ação humana objetivada: “os objetos são esse extenso, essa objetividade, isso que se cria fora do homem e se torna instrumento material de sua vida” (SANTOS, 2002a^[1996], p. 73).

As ações são processos humanos dotados de intencionalidade, que carregam em si um propósito. A intencionalidade dá o caráter uno do Espaço e é o projeto da ação humana a ser realizada pela Técnica sobre os objetos valorados:

[...] Mas a noção de intencionalidade não é apenas válida para rever a produção do conhecimento. Essa noção é igualmente eficaz na contemplação do processo de produção e de produção das coisas, considerados como um resultado da relação entre o homem e o mundo, entre o homem e seu entorno. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 90).

Mas não se pode dizer que o homem, ao agir sobre seu entorno, exerça plenamente a intencionalidade de sua ação, porque o Espaço não é uma mera oferta de caminhos. A intencionalidade em Milton Santos não está apenas no querer da ação humana em sua incidência no meio. Ela está tanto no homem quanto nos objetos dispostos no mundo pela espacialidade. Conferir intencionalidade à ação humana e às

coisas é o que dá o caráter de imprevisibilidade ao resultado obtido no encontro desses dois pares. E esse encontro acontece no evento:

Uma razão pela qual não se pode prever completamente o resultado da ação vem, exatamente, do fato de que a ação sempre se dá sobre o meio, combinação complexa e dinâmica, que tem o poder de deformar o impacto da ação. É como se a flecha do tempo se entortasse ao se encontrar como espaço. Segundo A. Moles (1974, p. 106), o “evento” seria, ele mesmo, uma interpretação dessa autonomia.

Um evento é o resultado de um feixe de vetores, conduzido por um processo, levando uma nova função ao meio preexistente. Mas o evento só é identificável quando ele é percebido, isto é, quando se perfaz e se completa. E o evento somente se completa quando integrado no meio. Somente aí há o evento, não antes. Segundo Simmel¹⁴ (1903, p. 43) o rendez-vous tanto denota o encontro, quanto o lugar do encontro. Se aquele feixe de vetores pudesse ser parado no caminho, antes de se instalar, não haveria evento. A ação não se dá sem que haja um objeto; e, quando exercida, acaba por se redefinir como ação e por redefinir o objeto. Por isso os eventos estão no próprio coração da interpretação geográfica dos fenômenos sociais. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 95).

Assim, o sistema de ações – que congrega a intencionalidade humana–, quando lança mão do uso intencional da Técnica – que é meio técnico-científico-informacional¹⁵– tem sua existência moldada pelos objetos valorados nos quais incide. Essa relação fundamenta-se em algo já significado e algo em significação. Os objetos que veicularam e acumulam ações passadas repletas de intencionalidade são os mesmos objetos que moldam as ações presentes, às quais a ação intencional confere um novo valor. A ação confere novos significados aos objetos valorados, mas eles são condição de sua existência. O resultado desse concerto é uno, mas, também, variado, expresso pela interdependência heterogênea de eventos que não podem ser compreendidos sem a imbricação do sistema de ação e sistema de objetos:

Consideremos que o acontecer, isto é, os eventos, são consequência da existência dos homens sobre a Terra, agindo para realizar o Mundo. Onde escrevemos homens, leia-se, também, Estados, empresas, instituições de toda natureza, entidades que são, juntamente com os indivíduos, capazes de ação. Lembremos que ação e evento são

¹⁴ Abraham Moles (1920-1992) foi um engenheiro elétrico e engenheiro acústico francês, além de doutor em física e filosofia, obra citada: Moles. *Phénoménologie de l'action. Les sciences de l'action*. Paris, CEPL, 1974. Georg Simmel (1858-1918) foi um sociólogo alemão, obra citada *Soziologie des Raumes. Jahrbuch für Gesetzgebung und Volkswirtschaft, im Deutschen Reich I, vol.1, pp. 27-71, 1903.*

¹⁵ “Nesse período, os objetos técnicos tendem a ser ao mesmo tempo técnicos e informacionais, já que, graças à extrema intencionalidade de sua produção e localização, eles já surgem como informação. Já hoje, quando nos referimos às manifestações geográficas decorrentes dos novos progressos, não é mais de meio técnico que se trata. Estamos diante da produção de algo novo, a que estamos chamando de *meio técnico-científico-informacional*” (SANTOS, 2002a^[1996], p. 238, grifo do autor).

movimentos imbricados. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 163).

Da mesma forma com que as noções fundadoras “objetos” e “ações” não podem ser reduzidas a relações duais, o Espaço não pode ser tratado ao lado do tempo. A categoria externa Técnica é o meio de equivaler e permitir o tratamento do tempo e do Espaço enquanto categorias analíticas comparáveis:

A técnica entra aqui como um traço de união, historicamente e epistemologicamente. As técnicas de um lado, dão-nos a possibilidade de empiricização do tempo e, de outro lado, a possibilidade de uma qualificação precisa da materialidade sobre a qual as sociedades humanas trabalham. Então essa empiricização pode ser a base de uma sistematização, solidária com as características de cada época. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 54, grifo do autor).

No movimento do Espaço, Milton Santos evita a abstração empírica de relações duais da seguinte forma: a sociedade lança mão de um dos vários usos possíveis dos objetos dispostos sobre a superfície da Terra pelo meio técnico-científico-informacional, para realizar o projeto humano. No momento exato da escolha, dentre uma gama de possibilidades, incide uma ação intencional que aponta para um destino possível sobre os objetos também dotados de intencionalidade; e ela se materializa, como espacialização em movimento, na forma de eventos, em um resultado diverso daquele inicialmente pretendido. A Técnica dá a datação do mundo porque permite ver a intencionalidade na atualidade:

Tempo, espaço e mundo são realidades históricas, que devem ser mutuamente conversíveis, se a nossa preocupação epistemológica é totalizadora. Em qualquer momento, o ponto de partida é a sociedade humana em processo, isto é, realizando-se. Essa realização se dá sobre uma base material: o espaço e seu uso; o tempo e seu uso; a materialidade e suas diversas formas; as ações e suas diversas feições. Assim empiricizamos o tempo, tornando-o material, e desse modo o assimilamos ao espaço, que não existe sem a materialidade. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 54).

No momento da ressignificação, o tempo assume uma característica de simultaneidade em oposição ao seu passar cronológico. Se não houvesse o tratamento do tempo como simultaneidade, não haveria a possibilidade de cristalizações do passado e do presente nas formas geográficas que são também conteúdo. A espacialidade perderia sua participação no movimento da atualidade, tornando-se um fator neutro às incidências do tempo trazidas pelos projetos humanos, a partir da utilização da Técnica:

Desde que instalados sobre um pedaço de espaço, as variáveis (de

tipos diferentes, de idades diferentes) formam um precipitado, um fato novo dotado da capacidade de criar ou estabelecer novas relações: uma nova qualidade. [...] Nosso problema será o de compreender os mecanismos de transposição espacial dos sistemas temporais. Se o impacto de um sistema de tempo sobre uma fração de espaço não fosse recorrente, cada sistema temporal poderia imprimir completamente sua marca sobre o pedaço de espaço atingido. [...] Todas essas superposições atribuem a cada lugar uma combinação específica, uma significação particular que é, ao mesmo tempo, temporal e espacial. Poderíamos falar de um tempo espacial próprio a cada lugar. (SANTOS, 2002c^[1978], p. 256-257).

Milton Santos apresenta a noção “idade do Lugar” para conceituar o tempo como simultaneidade. O tratamento está em considerar o fenômeno técnico como identificador das idades geográficas e a Técnica atual como possibilidade de ressignificação das escalas espaciais, introduzindo um novo conceito de Lugar. Ele compara o papel da Técnica na geografia aos cortes geológicos que permitem a datação da materialidade. O caráter da Técnica atual é a sua universalidade, que tem o poder de reunir todas as técnicas e incidir em todos os Lugares. Essa característica permite o surgimento de uma nova qualidade: a simultaneidade do acontecimento Técnico:

A tendência universalizante dos primórdios da história humana permite criar, em diversos lugares, soluções técnicas próprias mas convergentes, mas não havia simultaneidade em sua aparição, nem o seu surgimento em um dado ponto da superfície da terra acarretava obrigatoriamente repercussões em outros lugares. (SANTOS, 2002c^[1978], p. 57).

Com a simultaneidade dada pela Técnica atual, é possível uma datação universal tanto à escala do Lugar quanto à escala de um conjunto de Lugares (território nacional de um país, por exemplo) ou quanto à escala do mundo. O Lugar passa a ser a escala de referência para os diferentes dimensionamentos espaciais, viabilizando a empiricização das categorias de análise do Espaço à atualidade como totalidade. Isso só é possível, porque a Técnica hoje é universal. Reunindo todas as técnicas, a Técnica permite que a escala mínima, capaz de congrega todas as características necessárias para uma análise espacial totalizante, passe a coincidir com a própria escala do vivido:

É o lugar que atribui às técnicas o princípio de realidade histórica, relativizando o seu uso, integrando-as num conjunto de vida, retirando-as de sua abstração empírica e lhes atribuindo efetividade histórica. E, num determinado lugar, não há técnicas isoladas, de tal modo que o efeito de idade de uma delas é sempre condicionado pelo das outras. O que há num determinado lugar é a operação simultânea de várias técnicas, por exemplo, técnicas agrícolas, industriais, de transporte, comércio ou *marketing*, técnicas que são diferentes

segundo os produtos e qualitativamente diferentes para um mesmo produto, segundo as respectivas formas de produção. Essas técnicas particulares, essas “técnicas industriais”, são manejadas por grupos sociais portadores de técnicas socioculturais diversas e se dão sobre um território que, ele próprio, em sua constituição material, é diverso, do ponto de vista técnico. São todas essas técnicas, incluindo as técnicas da vida, que nos dão a estrutura de um lugar. (SANTOS, 2002c^[1978], p. 58, grifo do autor).

A escala do vivido como escala mínima de análise – o Lugar “mais pequeno” de Milton Santos –, por estar no mundo como totalidade, não é o mesmo Lugar da Geografia da Percepção. Para apresentar o movimento que explica como o particular e o universal se mostram em atualidade, vem a segunda parte do livro, intitulada “A Produção das Formas-Conteúdo” e a terceira, “Por Uma Geografia do Presente”. É a Secundidade do Espaço que se evidencia nesse conjunto de capítulos, onde o leitor pode perceber a cadência de uma história, que conta como o Espaço acontece em existência, aparecendo em formas expressivas de eventos, nas escalas dos Lugares que sempre dizem do mundo, cada qual de uma maneira diferente. Nesse momento da teorização geográfica, é a força da Secundidade que exige explicação. Ele cria uma interpretação espacial porque é impelido a explicar a atualidade que insiste em obsistência¹⁶ à sua mente, como algo que está fora dela:

[...] já que não posso inventar o mundo: invento uma forma de interpretação, pois o mundo existe independente de mim. (SANTOS, 2007, p. 156).

A intuição é traduzida na solução epistemológica de qualificar o mundo da matéria como movimento de significação, a exemplo do mundo humano. Explicar o momento exato em que o Espaço aparece em atualidade como movimento é a chave para dar vida ao mundo da matéria¹⁷:

Seguindo a proposta de Michel Serres, indaga-nos Latour (1991, p. 73) porque então, em nossa construção epistemológica não preferimos partir dos híbridos, em vez de partir da idéia de conceitos puros? Esta é, também, a posição de Hagerstrand (1989, 1991b, p.117) quando propõe tratar de forma simultânea o mundo da matéria e o mundo do significado humano. (SANTOS, 2002c^[1978], p. 101).

A coisa acabada nos dá a uma cristalização do movimento, mas não a

¹⁶ “Obsistência (sugerindo obviar, objeto, obstinado, obstáculo, insistência, resistência, etc.) é aquilo no que a secundidade difere da primeiridade; ou é aquele elemento que, tomado em conexão com a Originalidade, faz de uma coisa aquilo que uma outra a obriga a ser.” (PEIRCE, 2012, p.27, grifo do autor).

¹⁷ A cadeia de Semiose é uma possibilidade de explicação desse movimento e será aplicada na Terceira Parte desta Dissertação.

própria vida. A significação somente é obtida quando alcançamos entender o que Whitehead¹⁸ chama “the specious Present”, o presente iminente, inconcluso, não apenas projeto e não ainda realidade terminada. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 121).

Para explicar esse instante, Milton Santos retoma de Sartre (1968) o conceito de totalidade, examinando suas formas de aparência em movimento e transformação, para relacioná-la com o movimento de significação do Espaço. Para ele, a totalidade não é a soma das partes; é a realidade em sua integralidade. Sartre (1968), citado em Santos (2002a^[1996], p. 119), afirma “que o todo está presente na parte como seu sentido atual e seu destino”. Para captar o movimento da totalidade, é necessária sua cisão, uma vez que ela é “produto de um movimento real, aparece, a cada momento, como um conjunto inerte e um momento de totalização que está em curso” (SARTE apud SANTOS, 2002a^[1996], p. 118-119). A totalização permite reconhecer esse movimento do todo e das partes, porque surpreende o movimento da totalidade. Sartre distingue totalidade e totalização, a primeira como resultado e a segunda como processo:

Para nós, a verdade é algo que se torna, ela tem e terá de tornar-se. É uma totalização que está sendo totalizada continuamente. Fatos isolados não significam nada; não são nem verdadeiros nem falsos, enquanto não relacionados, pela mediação das diferentes totalidades parciais, à totalização em processo. (SARTRE apud SANTOS, 2002a^[1996], p. 119).

Para que exista objetivamente, o movimento da totalidade tem por direção sua espacialização, e essa espacialização se dá como particularização. Vista como integral, a totalidade é um todo abstrato. Observada em atualidade, a partir de suas manifestações de forma, função, valor e relação, a totalidade é uma diferencial que resulta do movimento da totalização. “A atualidade é a unidade do universal e do particular: este aparece como se fosse separado, existindo por si, mas é sustentado e contido no todo” (SANTOS, 2002a^[1996], p. 126). Nessa enunciação dialógica e metadisciplinar com Sartre, é possível inferir que a intencionalidade de Milton Santos é caracterizar o Lugar como espacialização da totalidade, uma diferencial que congrega forma, função, valor e relação, quando diz que “é o lugar que atribui às técnicas o princípio de realidade

¹⁸ Michel Serres (1930 -) é um filósofo francês. Bruno Latour (1947 -) é francês antropólogo, sociólogo e filósofo da ciência, obra citada: Latour, B. Nous n'avons jamais été modernes, essai d'anthropologie symétrique. Paris, La Découverte, 1991. Torsten Hägerstrand (1916- 2004) foi um geógrafo suíço conhecido por seu trabalho em migração, difusão cultural e geografia do tempo, obra citada: Hägerstrand, T. Reflections on 'What about people in Regional Science?' Papers of the Regional Science Association, vol. 66, 1989, pp. 1-6. Alfred North Whitehead foi um filósofo e matemático britânico, pesquisador na área da filosofia da ciência, em particular nos estudos dos fundamentos da matemática.

histórica, relativizando o seu uso, integrando-as num conjunto de vida, retirando-as de sua abstração empírica e lhes atribuindo efetividade histórica” (2002a^[1996], p. 121).

O processo da totalização é a ressignificação que ocorre no encontro do sistema de ação e do sistema de objetos, espacializada no Lugar. Como os objetos não são meros receptores da ação do homem, porque Milton Santos não os vê como coisas em si, eles já estão valorados de significações anteriores. As significações passadas se cristalizam como formas no meio geográfico. São as formas espaciais que oportunizarão a incidência das ações humanas, pela força seletiva da forma-conteúdo que é característica do Espaço:

A forma já utilizada é coisa diferente, pois seu conteúdo é social. Ela se torna espaço, porque forma-conteúdo. Não existe dialética possível entre formas enquanto formas. Nem a rigor, entre paisagem e sociedade. A sociedade se geografiza através dessas formas, atribuindo-lhes uma função que, ao longo da história, vai mudando. O espaço é a síntese, sempre provisória, entre o conteúdo social e as formas espaciais. Mas a contradição principal é entre a sociedade e o espaço, entre um presente invasor e ubíquo que nunca se realiza completamente, e um presente localizado, que também é passado objetivado nas formas sociais e nas formas geográficas encontradas. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 109).

Milton Santos denominou esses acúmulos temporais cristalizados geograficamente de rugosidades. São cristalizações de significações passadas que a ação humana conferiu e que, como acúmulos, participam da significação presente vinda pelas novas ações. Em função das rugosidades, o modo de produção só pode ser compreendido por meio da formação socioespacial com que o trabalho e os recursos se distribuíram e se distribuem geograficamente nos Lugares. Porque, fora do Lugar, produtos, dinheiro, inovações situam-se apenas como abstrações. A divisão territorial do trabalho é o processo de distribuição social e geográfica dos recursos disponíveis. Como as novas ações se dão sobre velhos objetos já valorados, ocorre uma limitação da eficácia de qualquer ação humana que se queira hegemônica na incidência espacial de novas divisões de trabalho.

Assim, quando novas divisões de trabalho chegam pela intencionalidade humana, encontram restos de divisões de trabalho antigas inscritas nas rugosidades, que são as divisões de trabalho morto. Como as rugosidades são memórias espacializadas da divisão territorial do trabalho morto, no momento em que as formas antigas participam formando um novo conteúdo, imprimem um resultado variado, a depender do Lugar em

que se localizam:

Nossa proposta da noção de forma-conteúdo (Santos, 1978) é, em geografia, o correlato dessa ideia de mistos ou híbridos e, ao mesmo tempo, da ideia de forma “monumental” (“forme événementielle”) de Diano¹⁹ (1994), noção talvez herdada de Aristóteles. A cada evento, a forma se recria. Assim, a forma-conteúdo não pode ser considerada, apenas, como forma, nem, apenas, como conteúdo. Ela significa que o evento, para se realizar, encaixa-se na forma disponível mais adequada a que se realizem as funções de que é portador. Por outro lado, desde o momento em que o evento se dá, a forma, o objeto que o acolhe ganha uma outra significação, provinda desse encontro. Em termos de significação e de realidade, um não pode ser entendido sem o outro, e, de fato, um não existe sem o outro. Não há como vê-los separadamente.

A ideia de forma-conteúdo une o processo e o resultado, a função e a forma, o passado e o futuro, o objeto e o sujeito, o natural e o social. Essa ideia também supõe o tratamento analítico do espaço como um conjunto inseparável de sistemas de objetos e sistemas de ações. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 102).

Esse desenvolvimento desigual segue uma ordem, em conformidade com a transmutação de uma totalidade em outra. Contudo, essa ordem não obedece a um movimento unívoco e linear, porque, para existir, a estrutura necessita da forma e a forma-conteúdo interfere no movimento do todo:

Tomada forma-conteúdo pela presença da ação, a forma torna-se capaz de influenciar, de volta, o desenvolvimento da totalidade [...] Essa visão renovada da dialética concreta abre novos caminhos para o entendimento do espaço, já que, desse modo, estaremos atribuindo um novo estatuto aos objetos geográficos, às paisagens, às configurações geográficas, à materialidade. Fica mais claro desse modo, porque o espaço não é apenas um receptáculo da história, mas condição de sua realização qualificada. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 126).

As variáveis da universalidade se encontram concretamente como particularidade, o que resulta na diferenciação dos Lugares, porque, como cada pedaço da Terra tem uma disposição diferente de formas-conteúdo – nenhum lugar é igual a outro –, as combinações de significados são as mais diversas. Essas formas heterogêneas são sociogeográficas, uma vez que encerram o valor de uso de ações humanas passadas. Por isso, a paisagem, enquanto porção de uma configuração territorial, não é apenas natureza física, já é social em Milton Santos.

¹⁹ Charles Albert Diano (1902 - 1974) foi um estudioso do grego, filólogo e filósofo italiano, historiador e tradutor dos clássicos gregos, poetas sueco e alemão. Obra citada: Diano, C. Forme événement, principes pour une interpretatiton de monde grec. Paris, L’Eclat, 1994.

A diferença de paisagem para Espaço é que a paisagem espacializou o passado e o presente por acumulações e sobreposições (rugosidades) e, se considerada apenas em sua materialidade, apresenta-se de forma estática, como nas ilustrações de Debret do Brasil colonial²⁰. A distinção que Milton Santos faz entre Espaço e paisagem está relacionada às dimensões temporais e, por consequência, à ideia de movimento. Porque, se para ele a paisagem reúne as ações passadas e presentes do homem, é o Espaço que congrega também a incidência do futuro, na ressignificação atual que a intencionalidade humana dá quando lança mão dos usos possíveis que a Técnica atual permite, incidindo sobre os objetos geográficos que interferem no resultado da sua incidência:

O espaço é sociedade, e a paisagem também o é. No entanto, entre espaço e paisagem o acordo nunca é total, e a busca desse acordo é permanente; essa busca nunca chega ao fim. A paisagem existe através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual. No espaço, as formas de que se compõem a paisagem preenchem, no momento atual, uma função atual. [...] Na verdade, paisagem e espaço são sempre uma espécie de palimpsesto onde, mediante acumulações e substituições, a ação das diferentes gerações se superpõe. O espaço constitui a matriz sobre a qual as novas ações substituem as ações passadas. É ele, portanto, presente, porque passado e futuro. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 104).

Dadas as diferenciações entre paisagem e Espaço pelo movimento da totalidade, resta saber qual é a forma com que o Espaço se expressa na atualidade quando em movimento. O conceito de Espaço como sistema de ação e de objetos é, também, um modelo espaço-temporal. Significa dizer que ação e objeto são unos, assim como o tempo e a espacialidade. A questão é saber como essas indissociabilidades se evidenciam como existentes na atualidade. Como elas aparecem? Com que forma expressiva vemos o Espaço em movimento?

Agora, cabe retomar, com ainda mais força, a asseveração de Wittgenstein (1961, p. 5) para quem o mundo é constituído pela totalidade de eventos e não de coisas (L. Wittgenstein, *Tractatus Logico-Philosophicus*, London, Routledge and Kegan Paul, 1961). Ou, como, na mesma direção, se exprime B. Russell (1974, p. 209): “O Mundo que a teoria da relatividade oferece à nossa imaginação não é tanto um mundo de ‘coisas’ em ‘movimento’ mas um mundo de acontecimentos”. Ao se realizarem simultaneamente, numa dada etapa da flecha do tempo, os eventos constituem, segundo Whitehead (1938, pp. 225-226) “[...] a comunidade das atualidades no mundo”. Para Eddington²¹ (1968, p. 168) “o agregado de todos os pontos-eventos

²⁰ Jean-Baptiste Debret (1768-1848) foi um pintor francês que veio ao Brasil em 1816 para documentar aspectos do cotidiano banal do homem e da sociedade brasileira no início do século XIX.

²¹ Ludwig Wittgenstein (1889 – 1951) foi um filósofo austríaco, naturalizado britânico. Foi um dos

tem um nome: o mundo”. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 162).

O Espaço se manifesta a partir dos eventos como acontecimentos nos Lugares. Os eventos redistribuídos são existentes que expressam o movimento da espacialidade, apesar de não esgotarem o Espaço em sua aparição. Nesse sentido, o evento é “uma brutalidade eficaz” (SANTOS, 2002a^[1996], p. 146), que registra o movimento da espacialidade e interpreta o mundo:

Os eventos são todos filhos do mundo, seus intérpretes atentos, suas manifestações particulares. O mundo em movimento supõe uma permanente redistribuição dos eventos, materiais ou não, com uma valorização diferencial dos lugares. (SANTOS, 2002a^[1996], p.158).²²

O motor que gera a produção do evento é a divisão territorial do trabalho, vem de origens remotas a partir da racionalidade das grandes empresas, do mercado de capitais, das normas do Estado; são as racionalidades dominantes que movem a ação intencional humana a agir sobre o mundo. Essa perspectiva redefine a escala geográfica a partir da origem dos eventos e do local de sua incidência. A escala, assim, não é determinada apenas por seus limites de extensão, porque, além de ser limite, ela também é conteúdo a partir das variáveis dinâmicas que incidem sobre ela:

A distinção entre lugar e região passa a ser menos relevante do que antes, quando se trabalhava com uma concepção hierárquica e geométrica onde o lugar deveria ocupar uma extensão do espaço geográfico menor que a região. Na realidade, a região pode ser considerada como um lugar, desde que a regra da unidade, e da continuidade do acontecer histórico se verifique. E os lugares – veja-se o exemplo das cidades grandes – também podem ser regiões. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 166).

A racionalidade hegemônica que opera para cumprir sua intencionalidade no mundo é o neocapitalismo, que se utiliza da técnica atual e da política para dar ao movimento da espacialidade um caráter hegemônico e impor um pensamento único aos Lugares. A manipulação das Tecnologias de Informação e Comunicação pelo capital global ocorre a partir de uma rede integrada de fluxos financeiros, cujo movimento determina a economia e influencia a sociedade. As demais técnicas não hegemônicas

principais atores da virada linguística na filosofia do século XX. Bertrand William Russell (1872 – 1970), um dos mais influentes matemáticos, filósofos e lógicos do séc. XX. Obra citada: Russell, B. ABC da Relatividade, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1974. Arthur Stanley Eddington (1882 – 1944), foi um astrofísico britânico famoso pelo seu trabalho sobre a Teoria da Relatividade. Obras citadas: Eddington, A. Space, Time and Gravitation, an Outline of de General Relativity Theory. Cambridge, Cambridge University Press, 1968; Whitehead, A. Modes of Thought. London, MacMillan, 1938.

²² A história do marxista renovado é inesperada, surpreensiva, porque o Espaço é Primeiridade também. Na última parte do livro de Milton Santos fica evidenciada a força dessa Categoria peirceana.

continuam existindo, mas agora são hegemônicas e, com isso, ocorre uma convergência de momentos em um embate de ideologias:

Outra grande maravilha do nosso tempo é o que estamos chamando de *unicidade dos momentos*. Também poderíamos considerar esse fato como uma *convergência dos momentos*.

Há quem prefira dizer que o tempo se unifica, mas não é disso que se trata. O que realmente se dá, nestes nossos dias, é a possibilidade de conhecer instantaneamente eventos longínquos e, assim, a possibilidade de perceber a sua simultaneidade. O evento é uma manifestação corpórea do tempo histórico, algo como se a chamada flecha do tempo apontasse e pousasse num ponto dado da superfície da terra, povoando-o com um novo acontecer. Quando, no mesmo instante, outro ponto é atingido e podemos conhecer o acontecer que ali se instalou, então estamos presenciando uma convergência dos momentos e sua unicidade se estabelece através das técnicas atuais de comunicação. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 196, grifo do autor).

O estado da política é o outro elemento identificador da realidade, porque “as técnicas apenas se realizam, tornando-se história, com a intermediação da política, isto é, da política das empresas e das políticas dos Estados, conjunta ou separadamente”. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 26). Segundo Castells (1999), a forma de organização em redes é o que caracteriza a nova base material das atividades, em toda a estrutura social na era da informação. São sistemas abertos, plásticos, compostos por um conjunto de nós interconectados que reorganizam as relações de poder. As redes, contudo, não são homogêneas e é variável o papel dos atores na sua regulação e funcionamento. Tampouco a rede é dissociada do Lugar que recebe instalações de redes elas próprias distintas, rejeitando uma noção que relaciona as redes à desterritorialização.

Para Milton Santos “as redes são um veículo de um movimento dialético que, de uma parte, ao Mundo opõe o território e o lugar; e, de outra parte, confronta o lugar ao território tomado como um todo” (SANTOS, 2002a^[1996], p. 270). A estrutura do Lugar dá a diversidade das instalações de redes e dos eventos:

Em cada momento, a unidade do mundo produz a diversidade dos lugares. Se o evento esgota as suas próprias possibilidades, jamais ele esgota ou utiliza todas as possibilidades oferecidas pelo mundo. (...) É apenas nesse sentido que se pode dizer que um evento é uma causa de outro evento. De fato, só a totalidade em movimento cria novos eventos. Mas a totalidade em movimento também inclui as ações tornadas possíveis em um lugar particular, a partir do qual acabam por influenciar outros lugares. E as ações não são indiferentes à realidade do espaço, pois a própria localização dos eventos é condicionada pela estrutura do lugar. (SANTOS, 2002a^[1996], p.160).

A quarta parte do livro é denominada “A Força do Lugar”. Como Milton Santos sofre a incidência da Primeiridade em emoção, novas hipóteses fertilizaram seu pensamento para explicar que a realidade em movimento é heterogênea e espontânea. Por isso, tratou de incorporar essa qualidade ao conceito de Espaço. Intuir o Espaço em sua forma concreta é abstrair um conceito de tal forma que, no retorno das articulações de suas categorias, o Espaço se mostre em atualidade, que é movimento heterogêneo e inesperado:

Mas o texto deve prever a possibilidade de tais bonecos surpreenderem os ventríloquos e alcançarem alguma vida, produzindo uma história inesperada: é assim que fica assegurada a conformidade com a história concreta. (SANTOS, 2002a^[1996], p.22).

A qualidade surpresiva do Espaço aparece no acontecer solidário do cotidiano vivido no Lugar. Como os eventos se fazem em existência sempre no Lugar, eles surgem como acontecimento no eixo das coexistências, no viver comum do espaço banal. Esse é o motivo pelo qual uma racionalidade única, nem apenas social, nunca se perfaz totalmente no Espaço:

O espaço geográfico é um desses campos de ação racional. Isso lhe vem da técnica, presente nas coisas e nas ações – o que, ao mesmo tempo, caracteriza o espaço geográfico em nossos dias e lhe atribui a condição de ser um espaço de racionalidade. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 294).

A racionalidade do meio-técnico-científico-informacional está embebida em uma tecnoesfera que qualifica o meio natural, conferindo à primeira natureza qualidades de segunda natureza, em referência ao marxismo. “Como nosso meio ambiente é hoje constituído só de outras pessoas e significados [...] o que chamamos de trabalho é, na verdade, a manipulação de significados e de outras pessoas.” (GELLNER apud SANTOS, 2002a^[1996], p. 255). Esse mesmo meio é composto também por uma psicoesfera que qualifica a racionalidade do Espaço no reino das emoções, das paixões e dos significados. Se, no período atual, a Técnica funciona como instrumento ao movimento hegemônico do capital que tenta impor uma racionalidade única aos lugares, é pela racionalidade do Espaço que esse processo hegemônico nunca se perfaz totalmente:

O processo de globalização, em sua fase atual, revela uma vontade de fundar o domínio do mundo na associação entre grandes organizações e uma tecnologia cegamente utilizada. Mas a realidade dos territórios

e as contingências do “meio associado” asseguram a impossibilidade da deseja da homogeneização. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 45).

Assim, tecnoesfera e a psicoesfera promovem uma densidade técnica de informação e de comunicação, que permite que a racionalidade espacial congregue, no Lugar, tanto as racionalidades distantes e hegemônicas quanto as racionalidades que surgem do cotidiano vivido no espaço banal:

Essas contra-racionalidades se localizam, de um ponto de vista social, entre os pobres, os migrantes, os excluídos, as minorias; de um ponto de vista econômico, entre as atividades marginais, tradicional ou recentemente marginalizadas; e, de um ponto de vista geográfico, nas áreas menos modernas e mais “opacas”, tornadas irracionais para usos hegemônicos. Todas essas situações se definem pela sua incapacidade de subordinação completa às racionalidades dominantes, já que não dispõem dos meios para ter acesso à modernidade material contemporânea. Essa experiência da escassez é a base de uma adaptação criadora à realidade existente.

O que muitos consideram, adjetivamente, como “irracionalidade” e, dialeticamente, como “contra-racionalidade”, constitui, na verdade, e substancialmente, outras formas de racionalidade, racionalidades paralelas, divergentes e convergentes ao mesmo tempo. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 309).

A dinâmica da racionalidade dominante ocorre a partir da manipulação da Técnica pelos atores hegemônicos do neocapitalismo, a serviço da mais-valia, em escala mundial. É a base do que Milton Santos denominou de “globalitarismo” – discurso único de como a informação é dada à humanidade, em que o dinheiro emerge em estado puro, como motor da vida econômica e social.

Utilizando a Semiótica de Bakhtin, a palavra “globalitarismo” pode ser qualificada como um enunciado em sua totalidade, pois, ainda que seja apenas uma palavra, congrega todos os pré-requisitos do enunciado: o tratamento do objeto do sentido, o querer dizer do locutor e a escolha do gênero do discurso. Essa palavra criada de Milton Santos, um Signo em Bakhtin, não existe para além das fronteiras de sua época, e tem a capacidade de registrar as mudanças sensíveis da existência social, já que situada na cultura. Além disso, produz um significado que remete a algo situado fora dela. Então mesmo sem deixar de fazer parte de dada realidade material, ela reflete outra realidade que lhe é exterior.

O “globalitarismo” tem caráter ambivalente que responde e refrata a ideologia da globalização e faz de Milton Santos um locutor, cuja fala emana de um mundo

situado e a ele criticamente responde, já antecipando futuros enunciados. Perceber o caráter do novo na palavra criada, dada em um contexto concreto, é compreendê-la a partir da sua significação, na enunciação particular de Milton Santos. A natureza complexa dessa relação é esclarecida por Julia Kristeva, no conceito de ambivalência da palavra:

O escritor pode pegar emprestado a palavra de outro, dando-lhe um novo significado enquanto retendo o significado que ela já possui. O resultado é uma palavra com duas significações: ela torna-se ambivalente... É o escritor que fala, mas um discurso estrangeiro está constantemente presente na fala que ele distorce. Com esse tipo ativo de palavra ambivalente, a palavra do outro é representada pela palavra do narrador. (KRISTEVA, 1980, p. 73).

O “globalitarismo” de Milton Santos é uma palavra-resposta ao totalitarismo da globalização: à tirania da informação, que pressupõe a imposição de um pensamento único, e à tirania da política, na manipulação da economia e da cultura. Mas é, também, uma antecipação de resposta em forma de novos direcionamentos, em um movimento contraditório inerente ao significado dado da palavra, que é lançada para fora de si, rumo a um horizonte social. Essa antecipação de resposta é a denúncia da contradição da globalização. Porque a globalização, a despeito do seu significado hegemônico, com o advento da Técnica atual, permite compreender o global a partir do local, possibilitando novas formas de pensar o mundo:

Todavia, graças à globalização está surgindo uma coisa muito mais forte: hoje é a história da maioria da humanidade que conduz à consciência da existência dessa tercermundização (que de alguma forma inclui também uma parte da população dos países ricos). Há uma formidável contradição em busca de seus intérpretes, em busca de um discurso mais planetário e também nacional e local. Esse discurso é dificultado pelo pensamento único, mas ele pode se fazer.²³

O embate ideológico entre racionalidade hegemônica e as novas racionalidades ocorre no espaço banal, no cotidiano vivido das cidades, que viabiliza esse discurso planetário, nacional e global. A racionalidade dominante que pretende assegurar o funcionamento global do neocapitalismo, a partir de uma cooperação vertical pela manipulação da economia e da política, se encontra no Lugar com as novas racionalidades, que ocorrem nas horizontalidades permitidas pela contiguidade espacial:

²³ Entrevista de Milton Santos. Disponível em: <<http://www.teoriaedebate.org.br/materias/nacional/milton-santos>>. Acesso em: 06 jun. 2013.

Nas atuais condições, os arranjos espaciais não se dão apenas através de figuras formadas de pontos contínuos e contíguos. Hoje, ao lado dessas manchas, ou por sobre essas manchas, há, também, constelações de pontos descontínuos, mas interligados, que definem um espaço de fluxos reguladores. As segmentações e partições presentes no espaço sugerem, pelo menos, que se admitam dois recortes. De um lado, há extensões formadas de pontos que se agregam sem descontinuidade, como na definição tradicional de região. São as *horizontalidades*. De outro lado, há pontos no espaço que, separados uns dos outros, asseguram o funcionamento global da sociedade e da economia. São as *verticalidades*. O espaço se compõe de uns e de outros desses recortes, inseparavelmente. É a partir dessas novas subdivisões que devemos pensar novas categorias analíticas. Enquanto as horizontalidades são, sobretudo, a fábrica da produção propriamente dita e o locus de uma cooperação mais limitada, as verticalidades dão, sobretudo, conta dos outros momentos da produção (circulação, distribuição, consumo), sendo o veículo de uma cooperação mais ampla, tanto econômica e politicamente, como geograficamente. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 284, grifos do autor).

Assim, o embate de racionalidades presentes na globalização faz com que a escala geográfica seja vista na perspectiva do acontecimento e se funda com a escala do acontecer e com a escala do vivido. Essas novas racionalidades podem se materializar em eventos, frutos tanto do mundo como do Lugar. É nesse sentido que o global e o local devem ser compreendidos:

Além do mais, os eventos históricos não se dão isoladamente. Esse não-isolamento se traduz por dois tipos de solidariedade. O primeiro tem como base a origem do evento, sua causa eficiente, cuja incidência se faz, ao mesmo tempo, em diversos lugares, próximos ou longínquos. Trata-se, aqui, de eventos solidários, mas não superpostos: sua ligação vem do movimento de uma totalidade superior à do lugar em que se instalam. O outro tipo de solidariedade tem como base o lugar da objetivação do evento, sua própria geografização. Aqui os diversos eventos concomitantes são solidários porque estão superpostos, ocorrendo numa área comum. No primeiro caso, temos a escala das forças operantes e no segundo temos a área de ocorrência, a escala do fenômeno. Aliás, a palavra escala deveria ser reservada a essa área de ocorrência e é nesse sentido que se pode dizer que a escala é um dado temporal e não propriamente espacial; ou, ainda melhor, que a escala varia com o tempo, já que a área de ocorrência é dada pela extensão dos eventos. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 152).

Para perceber historicamente as acumulações de significações passadas na espacialidade e as origens remotas dos eventos, basta ver a diversidade alienante com que os eventos são distribuídos no Mundo. Essa alienação entre origem do evento e local de sua incidência define as escalas global, nacional e local. E o Lugar, como o *locus* das novas racionalidades, assume uma função central na sua epistemologia:

O mundo aparece como primeira totalidade, empiricizada por intermédio das redes. É a grande novidade do nosso tempo, essa produção de uma totalidade não apenas concreta, mas também empírica.

A segunda totalidade é o território, um país e um Estado – uma formação socioespacial - totalidade resultante de um contrato e limitada por fronteiras. Mas a mundialização enfraquece as fronteiras e compromete o contrato, mesmo se ainda restam aos Estados numerosas formas de regulação e controle das redes.

O lugar é a terceira totalidade, onde fragmentos da rede ganham uma dimensão única e socialmente concreta, graças à ocorrência, na contigüidade, de fenômenos sociais agregados, baseados num acontecer solidário, que é fruto da diversidade e num acontecer repetitivo, que não exclui a surpresa. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 270).

No mundo contemporâneo, é característica das cidades acumular pessoas em espaços limitados, o que provoca uma densidade social que induz modos diversos de cooperação e solidariedade na contigüidade do Lugar – espaços sensíveis à criatividade e à “crítica espontânea de um cotidiano repetitivo”. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 320). A agregação dos homens nos Lugares permite, a partir de novas formas de viver e fazer, a emergência de uma cultura popular:

Esse último fenômeno é tanto mais significativo porque em nossos dias a cultura popular deixa de estar cantonada numa geografia restritiva e encontra um palco multitudinário [...] graças aos efeitos ubiqüitários trazidos por uma aparelhagem tecnocrônica multiplicadora. Sob certos aspectos, a cultura popular assume uma revanche sobre a cultura de massas, constitucionalmente destinada a sufocá-la. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 320).

É assim que o Lugar, como espaço banal, aquele do cotidiano vivido, congrega diferentes racionalidades derivadas dos usos possíveis dessa mesma Técnica que se pretende “globalitária” e, assim, racionalidades paralelas se impõem frente à racionalidade hegemônica da globalização. É a força do Lugar, cuja ordem local permite o acontecer solidário e comunicativo:

No lugar – um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas, instituições – cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contigüidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 322).

A insurreição proposta por Milton Santos, possível pela dialética renovada, se viabiliza pela força do Lugar. Porque é o Lugar, e nenhuma outra escala geográfica, que permite a contiguidade dos homens condensados em espaços cada vez mais populosos, e promove novas racionalidades avessas a um pensamento único, nesse processo contínuo de criação de significado:

Por enquanto o Lugar – não importa sua dimensão é, espontaneamente, a sede da resistência, às vezes involuntária, da sociedade civil, mas é possível pensar em elevar esses movimento a desígnios mais amplos e escalas mais altas. Para isso é indispensável insistir na necessidade de um conhecimento sistemático da realidade, mediante o tratamento analítico do território, interrogando-o a propósito de sua própria constituição no momento histórico atual. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 259).

Bakhtin nos fundamenta a sustentar que a realização da obra A Natureza do Espaço é uma resposta ao movimento que quer hegemônico da globalização, uma enunciação de Milton Santos que contém em si o projeto de retomada do homem, em uma nova concepção de dialética que se confunde com o presente atualmente vivido. É a síntese de um pensamento que, em recusando a reificação humana, se apresenta na forma de proposta de um projeto de reconstrução social.

Como em *Coração que Sente* (1903), de Ernesto Nazareth, onde todas as Categorias peirceanas estão misturadas na execução, mas se mostram qualitativamente, assim é a Natureza do Espaço de Milton Santos. Como Terceiridade, o Espaço se mostra na continuidade, na cadência do concerto entre ação, objeto, técnica e tempo, indissociável e irreduzível a relações duais, sempre em movimento e inconcluso. Como Secundidade, o Espaço se faz perceber em forma de eventos nos Lugares. São as “claves de sol” que estão a traduzir o Espaço, mas não o esgotam. Porque o Espaço também é Primeiridade, na emoção que surge da comunhão entre os homens, que só o Lugar permite. E a dialética renovada, então, se dá no embate das ideologias entre essas novas racionalidades e a racionalidade hegemônica do globalitarismo. É Primeiridade do Espaço – com a força do cotidiano vivido e solidário do Lugar, a insurreição à racionalidade hegemônica – porque surpreende “evidências da efetividade paralelas [...] que se levantam como realidades [...], e apontam caminhos novos e insuspeitados ao pensamento e à ação”. E, assim, o Espaço de Milton Santos, em composição nas três Categorias de Peirce, escreve uma história surpresiva e não determinada, que aponta para a descoberta de novas significações. Nesse sentido, ele intui abstratamente o

Espaço em sua forma concreta para propor uma intervenção à realidade atual:

Temos, na base da sociedade, um pragmatismo mesclado com a emoção a partir dos lugares e das pessoas juntos. Esse é hoje o mecanismo de insurreição em relação à globalização, essa descoberta de que somos outra coisa e podemos continuar sendo outra, ainda que mudando todos os dias.

O subtítulo de A Natureza do Espaço faz referência a essa distinção. É opondo técnica e tempo, que estão juntos, e razão e emoção, que se opõem, mas também estão juntos.²⁴

²⁴ Entrevista de Milton Santos, disponível em:
<http://www.teoriaedebate.org.br/materias/nacional/miltonsantos>>. Acesso em: 06 jun. 2013.

PARTE III: A NATUREZA DO ESPAÇO À LUZ DA SEMIÓTICA

6. AS POSIÇÕES LÓGICO-FORMAIS DO SIGNO PEIRCEANO

Para analisar a operabilidade ou potencial de empiricização das categorias de Milton Santos no retorno de sua aplicação à realidade em movimento, aplicaremos a Cadeia de Semiose e os elementos de abstração lógico-formais que compõem o Signo de Peirce, no fundamento de que toda a produção de conhecimento e todo o pensamento é Signo.

O Signo é Terceiridade. Voltemos ao exemplo de *Coração que Sente*, quando exemplificamos essa Categoria fenomenológica evidenciada na linguagem em partitura. As claves e notas são representações e têm um poder de suscitar outras representações, em um movimento de produção de sentido. E a música, como existente, é a fonte de todo esse movimento. Sabemos que a clave de sol desenhada na pauta musical não é som, mas só podemos dizer dos sons por meio de representações, no caso, pela partitura. A música é representada por desenhos, convencionados com o nome de notas musicais. Se esses desenhos, como formas expressivas, não fossem passíveis de interpretação, permaneceriam desenhados na partitura, como existentes que são, mas sem capacidade alguma para serem Signos e gerarem movimentos de significação.

Fragmento de *Coração que Sente*



Figura 1 – Trecho da Partitura de *Coração que Sente*

[Fonte: <http://www.superpartituras.com.br/Content/demonstracoes/coracao-que-sente-v-2.jpg>]

Então, notas musicais só representam o som porque são capazes de serem interpretadas dessa forma. Caso contrário, é Secundidade como existentes desenhados no papel, e é Primeiridade, supondo que gere uma qualidade de sentimento relacionada à frustração. Quando o músico põe seus olhos sobre a partitura e vê o desenho da clave de sol, essa clave de sol o remete ao som adequado que ele executará em seu piano. Só nesse momento é que a nota desenhada adquire o poder de dizer de algo diferente dela mesma e passa a ser mais do que Secundidade e Primeiridade.

A linguagem, no contexto da língua, é outro exemplo de Signo. As palavras que compõem esse capítulo são símbolos convencionados culturalmente, que só são compreendidos para um leitor que domine a língua portuguesa. Primeiro, o texto é a forma expressiva composta de palavras que estão a tentar explicar o argumento do autor – existe aí uma relação de dois (a palavra digitada e o argumento). Contudo, sem a posição do três, não há Mediação possível. Seria o caso de algum leitor estrangeiro alheio à língua portuguesa, para quem a relação do dois com o um não faria o menor sentido. Sem o três, o movimento de significação cessa e acaba a Mediação. Não tendo o domínio da língua portuguesa, o leitor pode, no máximo, ter uma experiência de Secundidade ao perceber as palavras no papel como existentes distintos dele próprio e pode, ainda, compartilhar desse encontro uma qualidade de sentimento relacionada à vagueza na medida em que a Secundidade contém a Primeiridade.

Assim, tudo que tem esse poder de funcionar como uma forma expressiva para dizer de algo que não é ele mesmo – e, muito importante, só é capaz disso apenas porque um terceiro assim o reconhece, gerando novas interpretações – é Signo para Peirce. O tudo significa qualquer coisa (real ou fictícia) que tenha potencial para ocupar esse lugar, em uma relação necessariamente triádica.

A clave de sol ocupa um lugar próprio nessa relação triádica, que são as posições lógico-formais do Signo: a clave de sol é a forma expressiva (o um), que Peirce denominou de *Representamen* do Signo (ou Signo em si mesmo), que tem a capacidade de representar determinado aspecto da música (o dois), por meio do Objeto Imediato do Signo, e esse poder de representar só é possível porque existe um terceiro (o três), o *Interpretante* do Signo, aquele que interpreta essa relação entre a clave de sol e o som correspondente:

Em uma definição mais detalhada, o signo é qualquer coisa de qualquer espécie (uma palavra, um livro, uma biblioteca, um grito, uma pintura, um museu, uma pessoa, uma mancha de tinta, um vídeo, etc.) que representa uma outra coisa, chamada de objeto do signo, e que produz um efeito interpretativo em uma mente real ou potencial, efeito esse que é chamado de interpretante do signo. (SANTAELLA, 2005, p. 8).

Aplicar a Semiótica é situar nas posições lógicas do Signo aquilo que se quer estudar para compreender o processo interpretativo ou Semiose daquele estudo específico. Estamos prestes a analisar a Semiose do Espaço em Milton Santos e, na análise de uma teoria da espacialidade que pretende sistematizar a realidade em movimento, é importante repetir que a relação de representar algo em Peirce é uma relação triádica, por isso que Signo, para ele, é Terceiridade: o três contém o dois e o um. Sem o Objeto (Secundidade), o Signo ficaria perdido em pura abstração. Traçando um paralelo com a teoria referencial de Saussure²⁵, o Signo corresponderia ao Significante, e o Interpretante ao Significado. No entanto, Saussure inclui a díade representacional do signo, mas omite a relação da díade com o Objeto. É exatamente a inclusão do Objeto de Peirce que permite ver o Signo como Mediação fundada no mundo real, porque a fonte de toda Semiose é a Realidade.

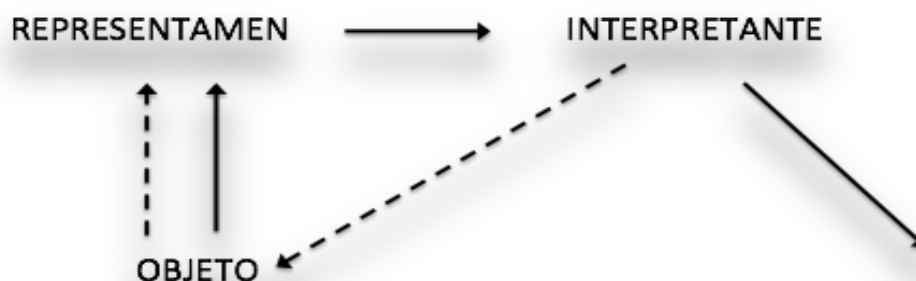


Figura 3 – Relação triádica do Signo peirceano

[Fonte: Parmentier, 1985.]

Na Lógica Formal ou Semiótica, a conceituação da Realidade corresponde ao

²⁵ Ferdinand de Saussure (1857 – 1913) linguista e filósofo suíço.

que seria a compreensão total de um Objeto: nomeado de Objeto Dinâmico que tem em sua natureza a exigência de ser interpretado em sua plenitude (natureza de Determinação). Nesse sentido, ele se força à representação.

[...] for the real is that which insists upon forcing its way to recognition as something other than the mind's creation. [...] The real is active; we acknowledge it, in calling it the actual. (This word is due to Aristotle's use of {energeia}, action, to mean existence, as opposed to a mere germinal state.)²⁶ CP 1.325

Namely, we have to distinguish the Immediate Object, which is the Object as the Sign itself represents it, and whose Being is thus dependent upon the Representation of it in the Sign, from the Dynamical Object, which is the Reality which by some means contrives to determine the Sign to its Representation. (CP 4.536)²⁷

Em Peirce, Signo e Mediação são a mesma coisa, porque todo conhecimento é mediado, não sendo possível acessar diretamente a Realidade. Assim, o que o Signo traz para a Semiose é determinado aspecto da Realidade, pelo efeito que ele é capaz de produzir para uma mente (Interpretante). São interpretações em cadeia que retornam em direção ao Real. Por isso, Peirce denominou a segunda posição lógica do Signo de Objeto Imediato, para distingui-lo do Objeto Dinâmico.

Segundo Parmentier (1985), o conhecimento (pensamento ou elaboração de uma teoria, por exemplo) ocorre segundo um sistema regido por dois vetores: o de Determinação, que parte da Realidade que se mostra em Secundidade, e um vetor de Representação, que reage a essa determinação a partir de regressões de representações direcionadas a revelar o que se mostra a conhecer. O movimento da Semiose ocorre porque a Realidade determina a produção de um Signo a outro Signo, que regressa infinitamente em direção a ela pelo vetor de Representação, pelos Interpretantes do Signo. O Signo inclui determinado aspecto da Realidade, e só quando o Interpretante a compreende parcialmente é que esse aspecto entra no Signo como Objeto Imediato.

Em uma pequena análise de uma das inúmeras Semioses produzidas por Milton Santos, podemos dizer que seu pensamento, ao retornar em interpretações à Realidade,

²⁶ “[...] porque o real é o que insiste em forçar seu caminho para o reconhecimento como algo diferente de criação da mente. [...] O real é ativo, nós o reconhecemos, chamando-o de atual. (Esta palavra é devido ao uso de Aristóteles de {energeia}, ação, no sentido de existência, em oposição a um mero estado germinal.” (tradução nossa)

²⁷ “A saber, devemos distinguir o Objeto Imediato, que é o Objeto como o Signo mesmo o representa, e cujo Ser depende de sua representação no Signo, e o Objeto Dinâmico, que é a Realidade que, de alguma forma, determina ao Signo sua representação.” (tradução nossa)

interpretou dois aspectos importantes dela: o movimento e a intencionalidade das coisas e dos homens, quando foi impactado pela migração de famílias brasileiras em situação de vulnerabilidade social, de um lugar a outro. Vamos supor que foi assim que a Realidade se mostrou a ele inicialmente, a título de exemplo.

Situando essa Semiose a partir das três posições lógicas do Signo, temos: o Interpretante é o efeito que a Realidade produziu no pensamento de Milton Santos; aquilo que gerou as ideias de movimento e intencionalidade, bem no momento em que ele viu as famílias indo de um lugar a outro. A cena migratória foi a forma expressiva (*Representamen* ou Signo) que o remeteu a aspectos da Realidade. Ele interpretou o que viu (Signo) em aspectos de movimento e intencionalidade, que são o Objeto Imediato do Signo dessa pequena Semiose.

No contexto do livro, a recorrência da palavra “indissociável” é um dos vários Signos (*Representamen* ou Signo em si) que traduz, entre outras coisas, a intenção desse geógrafo em produzir em outras mentes (Interpretantes) o mesmo efeito de interpretação que ele sofreu. Era tão cara a ele a ideia de que a Realidade era tempo, espaço, ação e objeto (juntos), que seu esforço em encontrar Signos (no caso, palavras como formas expressivas) capazes de exprimir esse aspecto da Realidade foi explicitado em Por Uma Geografia Nova e levado a termo em A Natureza do Espaço:

[...] à elaboração da ideia precede o encontro da linguagem necessária a exprimi-la corretamente. O criador da ideia trabalha com o vocábulo de que dispõe, isto é, um elenco de palavras destinadas a exprimir um conjunto de pensamentos que ele deseja substituir por um outro. (SANTOS, 2002c^[1978], p. 26).

É importante ressaltar que o terceiro não é necessariamente um intérprete individual, como nos exemplos dados. Já sabemos que uma cadeia de significação tem sempre como fonte o “Real como aquilo que insiste em forçar seu caminho para o reconhecimento como algo diferente de criação da mente [...]” (CP 1.325), e pode iniciar-se com um intérprete particular, mas, na medida em que se expande, o intérprete se torna coletivo. Essa ação de Signo a Signo cresce e se torna mais complexa, sempre direcionada a explicar a atualidade que se força a conhecer. Em Peirce, o efeito do Signo para uma mente, ou seja, o Interpretante do Signo, vai além do universo humano e o pensamento assume uma significação ampla, não está necessariamente ligado a um cérebro:

Surge no trabalho das abelhas, dos cristais e por todo o mundo puramente físico; e não se pode negar que ele realmente ali está, assim como não se pode negar que as cores, formas, etc. dos objetos ali realmente estão.

Adira consistentemente a essa negativa injustificável e o leitor será levado a alguma forma de nominalismo idealista [...] Não apenas o pensamento está no mundo orgânico, como também ali se desenvolve. Mas assim como não pode haver um Geral sem Casos que o corporifiquem não pode haver Pensamento sem Signos. (PEIRCE, 2012, p. 190).

7. AS TRÊS TRICOMIAS DE PEIRCE

Para o propósito desta pesquisa, nos atemos à tricomia mais trabalhada por Peirce e a mais conhecida: i) a relação do Signo consigo mesmo, quando for uma qualidade, um existente concreto ou uma lei geral; ii) conforme a relação do Signo em si (*Representamen*) com o Objeto, se tem caráter em si mesmo, se com ele mantém uma relação existencial ou se mantém uma relação de associação de ideias com um interpretante; e iii) conforme o interpretante representá-lo como possibilidade, fato ou razão:

In regard to the Interpretant we have equally to distinguish, in the first place, the Immediate Interpretant, which is the Interpretant as it is revealed in the right understanding of the Sign itself, and is ordinarily called the meaning of the sign; while in the second place, we have to take note of the Dynamical Interpretant which is the actual effect which the Sign, as a Sign, really determines. Finally there is what I provisionally term the Final Interpretant, which refers to the manner in which the Sign tends to represent itself to be related to its Object. (...) Of the ten divisions of signs which have seemed to me to call for my special study, six turn on the characters of an Interpretant and three on the characters of the Object.[...] Thus the division into Icons, Indices, and Symbols depends upon the different possible relations of a Sign to its Dynamical Object. [...] Only one division is concerned with the nature of the Sign itself, and this I now proceed to state²⁸. CP 4.536

²⁸ “Em relação ao Interpretante temos que distinguir, em primeiro lugar, o Interpretante Imediato, que é o Interpretante como é revelado na correta compreensão do próprio Signo, e é comumente chamado o significado do Signo, enquanto que em segundo lugar, temos de tomar nota do Interpretante Dinâmico que é o efeito atual que o Signo, como um Signo, realmente determina. [...] Das dez divisões de Signos que pareciam me chamar para um estudo especial, seis giram sobre os caracteres de um Interpretante e três sobre caracteres do Objeto. Assim, a divisão em Ícones, Índices e Símbolos depende das diferentes relações possíveis de um Signo com seu Objeto Dinâmico. Apenas uma divisão concerne à natureza do próprio Signo, e isso agora passo a afimar”. (tradução nossa)

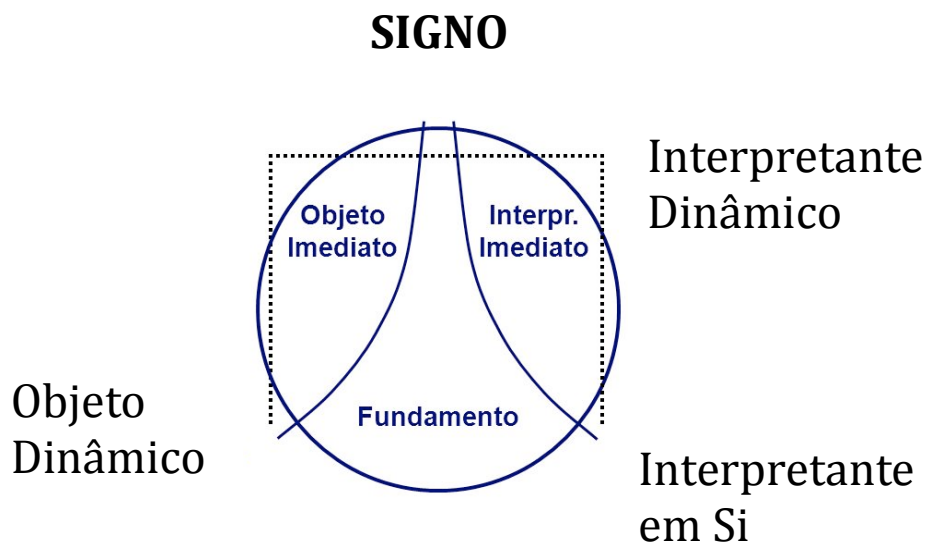


Figura 3 – As posições lógico-formais do Signo em Peirce
 [Organização nossa, a partir de Santaella, 1983]

Em relação ao Signo em si mesmo (*Representamen*), existem três propriedades formais que capacitam algo a funcionar como Signo: ser uma qualidade, estar como existência entre existentes ou ter caráter convencional de generalização ou lei. Uma música pode funcionar como Signo de qualidade quando tem o potencial de suscitar ternura, sem necessidade de se referir a qualquer outra coisa, é um “quali-signo”. A música pode também funcionar como um Signo de existência quando uma nota desafinada se evidencia como um singular entre singulares, é um “sin-signo”. E ela tem o potencial de ser um Signo de Lei quando se convencionam culturalmente que a música deve ser representada em notas musicais, é um “legi-signo”. Na primeira tricomia, o Signo, segundo ele mesmo, tem três classificações:

- I. quali-signo (de qualidade, Primeiridade);
- II. sin-signo (de singular existente, Secundidade);
- III. e legi-signo (de lei ou convenção, Terceiridade).

A clave de Sol é um legi-signo, convencionada a representar determinado som, está como abstração, como generalização. Mas, assim que se apresenta em uma partitura singular, vira uma réplica do legi-Signo, um caso singular. Se pudéssemos juntar todas

as claves de sol desenhadas nas partituras do mundo e contá-las, teríamos o número exato de réplicas da generalização clave de sol. Graças à aplicação da lógica das Relações que diz que o três contém o dois e o um, mas não pode ser reduzido a dois ou a um, e graças, ainda, ao fato do Signo em Peirce se direcionar sempre para a Realidade (ele tem em sua estrutura o Objeto Imediato), podemos ver a Secundidade na réplica de um legi-signo, quando ele se apresenta como singular entre singulares.

A segunda classificação é dada a partir da segunda posição lógica – o Objeto (Secundidade) –, que trata da maneira como o Signo se refere ao Objeto Dinâmico. O Signo produz o efeito de interpretação (Interpretante) a partir da relação que ele mantém com seu Objeto Dinâmico, expressa no Objeto Imediato do Signo.

O quali-signo sugere o Objeto ao Interpretante por meio de uma qualidade, por semelhança ou imitação porque possui caracteres próprios que se assemelham com o Objeto e, no entanto, são dele independentes. O Signo por Primeiridade, porque compartilha com o Objeto uma similaridade, é chamado de “Ícone”. Assim, qualquer coisa que pode substituir algo com que pareça é um Ícone, por exemplo, um cheiro de flor que traz a mente um amigo. A flor é um Signo que tem a qualidade do cheiro, está como um quali-signo, e é essa qualidade que sugere a uma mente a lembrança do amigo. Vem à mente o Objeto porque o Signo “cheira” da mesma maneira que ele, mas tanto o Signo quanto o Objeto são independentes de um e de outro. Outro exemplo: a altura de uma árvore pode determinar a uma mente a lembrança de alguém que é jogador de basquete. Mas uma árvore é independente da existência do jogador, que, por sua vez, é independente de uma árvore ser. Por isso, a relação põe em evidência a Primeiridade, porque o Signo em si e o Objeto são o que são, independentes de qualquer outra coisa; cada qual completo nele mesmo, mas compartilhando de uma qualidade:

An Icon is a sign which refers to the Object that it denotes merely by virtue of characters of its own, and which it possesses, just the same, whether any such Object actually exists or not. It is true that unless there really is such an Object, the Icon does not act as a sign; but this has nothing to do with its character as a sign. Anything whatever, be it quality, existent individual, or law, is an Icon of anything, in so far as it is like that thing and used as a sign of it²⁹. CP 2.247

²⁹ “Um ícone é um signo que se refere ao objeto que denota apenas em virtude de caracteres próprios, e que possui, da mesma forma, se qualquer objeto realmente existe ou não. É verdade que, se realmente existe tal objeto, o Ícone não atua como um signo; mas isso não tem nada a ver com o seu carácter de signo. Qualquer coisa que seja, seja ele de qualidade, indivíduo existente, ou lei, é um ícone de qualquer

O segundo tipo de signo é o “Índice”, que mantém com o Objeto uma relação diádica, contextual e existencial. Ele não denota pela mera semelhança, mas pela sua efetiva modificação por força do Objeto. O Índice é a instância da Secundidade porque, ao estabelecer uma relação de um primeiro com um segundo a partir de uma modificação, registra o existir no tempo e no espaço. A fumaça é Signo quando determina à mente uma conexão de existência de possível incêndio. Pode ter o efeito lógico expresso no seguinte pensamento: “a fumaça pode ser resultado de que há fogo”. O Objeto (fogo) é indicado por meio de um Signo cuja existência indica reação; ele aponta para o fogo, estão em uma relação dual. Como a Realidade é sempre fonte da Semiose e esta é autocorretiva, pode ser que, com a expansão da Semiose, o intérprete perceba que o Objeto desse Signo (fumaça) é um fumante. Aqui, o poder do Signo em trazer o Objeto à mente se dá a partir de uma modificação que o Objeto provoca no Signo. Nesse sentido, eles não são independentes entre si; um existe porque o outro influencia em sua existência e é exatamente por isso que o Signo é capaz de dizer do Objeto. O catavento é um Índice do vento, assim como o são o barlavento e as velas dos barcos. Nessas relações evidencia-se a Secundidade.

A relação do Índice com o Objeto é estabelecida na contiguidade espaço-temporal da atualidade que, produzindo significado para uma mente, instaura uma relação diádica ou existencial, que pode ser de causa e efeito, de ação ou reação, de contraste, dúvida:

An Index is a sign which refers to the Object that it denotes by virtue of being really affected by that Object. It cannot, therefore, be a Qualisign, because qualities are whatever they are independently of anything else. In so far as the Index is affected by the Object, it necessarily has some Quality in common with the Object, and it is in respect to these that it refers to the Object. It does, therefore, involve a sort of Icon, although an Icon of a peculiar kind; and it is not the mere resemblance of its Object, even in these respects which makes it a sign, but it is the actual modification of it by the Object³⁰. CP 2.248

O terceiro tipo de signo é o “Símbolo” que tem o poder de denotar por força de

coisa, na medida em que ela é como essa coisa e utilizada como um signo disso”. (tradução nossa)

³⁰ “Um índice é um signo que se refere ao objeto que denota em virtude de ser realmente afetado por esse objeto. Não pode, portanto, ser um Quali-signo, porque qualidades são o que são, independentemente de qualquer outra coisa. Na medida em que o índice é afetado pelo objeto, que necessariamente tem alguma qualidade em comum com o objeto, e é em relação a estes que se refere ao objeto. Ele, portanto, envolve uma espécie de ícone, mas um ícone de um tipo peculiar; e não é a mera semelhança de seu objeto, mesmo nestes aspectos, o que o torna um signo, mas é a modificação real dele pelo objeto”. (tradução nossa)

lei, o que significa dizer que o Signo e o Objeto estão relacionados somente porque o Interpretante assim os relaciona. Ele é um signo por Terceiridade, porque inclui e ultrapassa o âmbito da qualidade e da existência. O signo enquanto Símbolo se coloca em relação ao Objeto para o Interpretante, não por semelhança, nem por modificação, mas em mediação pura, porque o Interpretante assim o determina. Todas as concepções derivadas da abstração são Símbolos.

A Symbol is a sign which refers to the Object that it denotes by virtue of a law, usually an association of general ideas, which operates to cause the Symbol to be interpreted as referring to that Object. It is thus itself a general type or law, that is, is a Legisign. As such it acts through a Replica. Not only is it general itself, but the Object to which it refers is of a general nature. Now that which is general has its being in the instances which it will determine. There must, therefore, be existent instances of what the Symbol denotes, although we must here understand by “existent”, existent in the possibly imaginary universe to which the Symbol refers. The Symbol will indirectly, through the association or other law, be affected by those instances; and thus the Symbol will involve a sort of Index, although an Index of a peculiar kind.³¹ CP 2.249

A Terceira tricomia relaciona-se à forma com que o Signo é interpretado pela terceira posição lógica do Signo (Terceiridade), o Interpretante. Diferente do Objeto que é diádico (Objeto Imediato e Objeto Dinâmico), o Interpretante é triádico, tem três classificações:

- I. “Interpretante Imediato”: é o potencial interpretativo, antes mesmo de ser interpretado. Um livro fechado, por exemplo.
- II. “Interpretante Dinâmico”: refere-se ao efeito produzido pelo Signo em um intérprete individual ou coletivo, cujos efeitos podem ser:
 - (a) *Emocional*, quando está em Primeiridade e seu efeito é uma qualidade de sentimento;
 - (b) *Energético*, quando está em Secundidade e seu efeito é um gasto de

³¹ “Um símbolo é um signo que se refere ao objeto que denota em virtude de uma lei, normalmente uma associação de ideias gerais, que atua para fazer com que o símbolo deve ser interpretado como referindo-se a esse objeto. É, assim, um tipo em si ou lei geral, isto é, é um legi-signo. Como tal, ele age através de uma réplica. Não só é próprio em geral, mas o objeto ao qual ela se refere é de natureza geral. Ora, o que é geral tem seu ser nas instâncias que determinam. Não deve, portanto, haver casos existentes de que o símbolo denota, mas temos de entender aqui por “existente”, como existente no universo possivelmente imaginário ao qual o símbolo se refere. O símbolo será indiretamente, através da associação ou outra lei, afetado por essas instâncias; e, assim, o símbolo irá envolver uma espécie de índice, apesar de um índice de um tipo peculiar”. (tradução nossa)

energia, uma ação a uma reação, etc.;

(c) *Lógico*, quando está Terceiridade e seu efeito é suscitar no Intérprete uma associação de idéias.

III. “Interpretante Final” (em si): refere-se ao ideal de alcançar representações últimas, levadas ao limite final na compreensão total do Objeto. Podem ser:

(a) *Rema*, quando para seu Interpretante o Signo for uma possibilidade qualitativa, como uma hipótese;

(b) *Dicente*, quando para seu Interpretante o Signo representar o Objeto em relação a uma existência real;

(c) *Argumento*, quando para seu Interpretante o Signo representar o Objeto em seu caráter de Signo.

O Objeto do Signo está mais para a idéia de escopo, já que a Realidade nunca pode ser totalmente compreendida:

Dessa forma, o modelo peirceano do conhecimento é triádico, sendo o signo o termo mediador, o meio para o conhecimento. E na tríade genuína, o objeto do signo não se confunde com uma coisa física ou uma causa material de uma sensação vinda do exterior, mas ele é também, de natureza sígnica, de modo que, do lado do objeto, estamos diante de uma regressão infinita dos signos. Mas, na medida em que o signo produz (em progressão também infinita) interpretantes e neles se desenvolve a fim de melhor revelar a relação de representação que ele mantém com o objeto, então, em última instância, o objeto do signo significa “escopo”, “propósito”, objetivo. Nesse sentido, é o objeto (realidade ou verdade) que funciona como causa final (infinitamente remota, aproximável, mas inatingível) na teleonomia do conhecimento. Assim, o que é chamado de regressão infinita do signo ou conhecimento é concebido por Peirce como uma progressão infinita em direção do real e da verdade. (SANTAELLA, 2008, p. 95).

8. A SEMIOSE DO ESPAÇO EM MILTON SANTOS

Uma cadeia de Semiose, que é a ação do Signo, tem sempre como fonte o Real e pode iniciar-se com um intérprete particular, mas, à medida que se expande, o intérprete se torna coletivo. É assim que a Semiose cresce e se torna mais complexa.

É do Objeto Dinâmico (Realidade) exigir ser compreendido (natureza de Determinação) e, para isso, tem o poder de produzir um efeito de ser interpretado, um efeito que recai sobre o Interpretante. O Interpretante, em revés, nasceu com a vocação de compreender a Realidade e desempenha essa tarefa a partir da geração regressiva e infinita de representações em direção ao Objeto Dinâmico, por novos Interpretantes (natureza de Representação), que se tornam, por sua vez, Signos da cadeia de Semiose.

Mas esse processo ordenado não é dual, uma vez que a relação não ocorre diretamente entre Objeto Dinâmico e Interpretante. O Interpretante só consegue se aproximar parcialmente da Realidade. Quando ela entra na corrente de Semiose, como representação, determinado aspecto dela torna-se interno ao Signo, como Objeto Imediato. O Interpretante reconhece a maneira como o Signo diz do Objeto por meio do Objeto Imediato.

Então, é o Objeto Dinâmico quem determina o Interpretante, e o Interpretante vocaciona compreendê-lo, mas só o faz porque a inteligibilidade do Objeto Dinâmico é reconhecida de forma mediada, a partir do Objeto Imediato. É a partir dessa relação que o Interpretante tem acesso a pistas sobre determinado aspecto do Objeto Dinâmico (Realidade). O processo ordenado de Semiose é, então, de natureza triádica e mediada, sendo o único meio de acesso ao conhecimento, que vai da Realidade (Objeto Dinâmico) para o Interpretante Final, em cadeia de determinação e, em movimento regresso, é desvelado por meio de cadeias de representações.

Segundo Parmentier (1985), a interlocução entre os vetores de Determinação e de Representação implica que as posições lógicas do Signo não permaneçam estáticas. O que dá movimento à Semiose é justamente a troca das posições lógico-formais à medida que o vetor de Determinação avança para o Interpretante e o de Representação retorna em direção ao Objeto.

O *Representamen* (Signo em si) é, também, um Interpretante em relação ao

Objeto anterior, que funciona como um *Representamen* que está para um Objeto do Interpretante do Signo subsequente:

The object of representation can be nothing but a representation of which the first representation is the interpretant. But an endless series of representations, each representing the one behind it, may be conceived to have an absolute object at its limit. The meaning of a representation can be nothing but a representation. In fact, it is nothing but the representation itself conceived as stripped of irrelevant clothing. But this clothing never can be completely stripped off; it is only changed for something more diaphanous. So there is an infinite regression here. Finally, the interpretant is nothing but another representation to which the torch of truth is handed along; and as representation, it has its interpretant again.³² CP 1.139

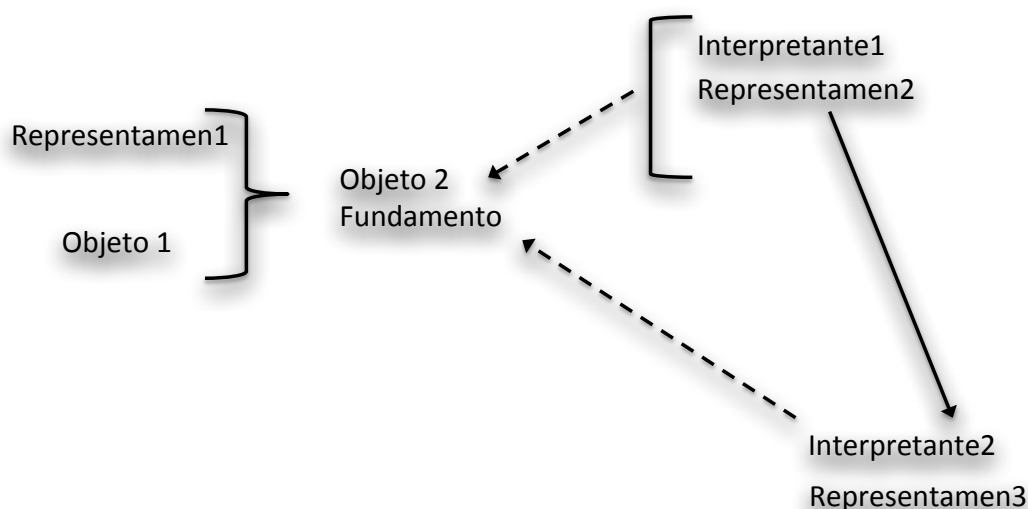


Figura 4 – Alternâncias da posições lógico-formais na Semiose
[Organização nossa, a partir de Parmentier,1985]

A Teoria Social Crítica de Milton Santos em seu conjunto é um legi-signo, porque é uma generalização. Quando ele propõe um sistema descritivo e explicativo do Espaço e apresenta a articulação de suas categorias, está em uma Semiose que produz

³² “O objeto da representação não pode ser senão uma representação de que a primeira representação é o interpretante. Mas uma série infinita de representações, cada uma representando aquele por trás dele, pode ser concebida para ter um objeto absoluto no seu limite. O significado de uma representação não pode ser senão uma representação. Na verdade, não é nada mais do que a própria representação concebida como despojada de roupa irrelevante. Mas essa roupa nunca pode ser completamente retirada; ela só é alterada para algo mais diáfano. Portanto, há uma regressão infinita. Finalmente, o interpretante é nada mais do que uma outra representação para que a tocha da verdade é passada; e como representação, tem novamente seu interpretante.” (tradução nossa)

Interpretantes lógicos, que relacionam o Signo com o Objeto por associações de idéias.

Mas como o Espaço em Milton Santos é Primeiridade, ele pode ser classificado em Signo de Primeiridade nas tricomias relacionadas à essa Categoria fenomenológica de Peirce. O Espaço tem o potencial de quali-signo (de qualidade, Primeiridade) porque é Emoção, sem necessidade de se referir a qualquer outra coisa quando, na comunhão que o Lugar permite, os homens são capazes de solidariedade. O Espaço é Ícone da realidade em movimento quando compartilha com ela a qualidade de “surpresiva” e segue caminhos insuspeitados ao pensamento e à ação. O Espaço também é um Interpretante Dinâmico Emocional quando, em Primeiridade, tem seu efeito como uma qualidade de sentimento:

Assim desvalorizada, a materialidade não plenamente conforme à modernidade atual pode ser objeto de (nova) utilização por capitais e pessoas “desvalorizados”, que encaminham suas ordens “desvalorizadas”, suas ações “desvalorizadas”, a essas parcelas “desvalorizadas” do espaço, onde se realizam formas conseqüentes de vida, *onde o cálculo é desnecessário e a emoção é possível*, formas de vida territorializadas, inseridas em conjuntos mais amplos, sejam eles locais (a integração das metrópoles), próximos (áreas complementares) ou distantes (regiões e lugares da divisão longínqua do trabalho). A adaptação à modernidade não se submete a leis absolutas. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 226, grifo nosso).

A ordem local funda a escala do cotidiano, e seus parâmetros são a co-presença, a vizinhança, a intimidade, *a emoção*, a cooperação e a socialização com base na contigüidade. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 339, grifo nosso).

Da mesma forma, como Secundidade, podemos classificar o Espaço como um sin-signo (de singular existente) quando ele se evidencia nas próprias formas geográficas. O Espaço é um Interpretante Energético quando, em Secundidade, seu efeito é um gasto de energia, uma ação a uma reação, etc.

Essas formas geográficas aparecem como uma condição da ação, meios de existência - e o agir humano deve, em um certo momento, levar em conta esses meios de existência. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 75).

O Espaço é Terceiridade, um legi-signo (de lei), quando Milton Santos convencionou conceituar a realidade em movimento como um conjunto indissociável de sistema de ação e sistema de objetos. O Espaço como Signo de Terceiridade produz Interpretantes Lógicos, suscitando no intérprete associações de ideias. Seu conceito é explicado pelas categorias miltonianas, que são Signos também. Mas a proposta de

Milton Santos é que suas categorias em articulação possam ser aplicadas para explicar a realidade em movimento. É justamente essa aplicação que submeteremos à Semiose, para avaliar sua operacionalidade, ou o que ele denomina de empiricização.

As categorias miltonianas são Signos e têm um poder de suscitar outros Signos, em um movimento de produção de sentido. O que ele chama de realidade em movimento é a fonte da Semiose do Espaço em Milton Santos. A realidade em movimento ocupa a posição lógica de Objeto Dinâmico. A categoria miltoniana responsável pela forma expressiva com que a realidade em movimento se mostra em evidência (ou onde o Espaço é empiricizado) é o Evento, que ocupa a posição lógica do Signo em Si ou *Representamen*.

Milton Santos diz que “São os eventos que constituem os vetores dessa metamorfose, unindo objetos e ações Não se trata de um tempo sem nome, mas de um tempo empiricizado, concreto, dado exatamente através desse portador de um acontecer histórico, que é o evento” (SANTOS, 2002a^[1996], p. 25).³³ Assim, o Evento é um Legi-Signo indicial que registra o movimento do Espaço por Réplicas, de uma imbricação de evento a outro.

Quando o Evento ocorre em evidência, ele está a reproduzir o concerto indissociável entre o sistema de ação e o sistema de objetos. Como no caso da clave de Sol, se pudéssemos reunir todos os Eventos, teríamos o número de incidências com que o legi-signo Espaço de Milton Santos se expressou na atualidade. O Evento aponta para o Espaço porque, como um Signo em si (*Representamen*), ele expressa em sua existência as modificações sofridas pela ação do Espaço. Vem daí seu caráter indicial. Mas, “Se o evento esgota as suas próprias possibilidades, jamais ele esgota ou utiliza todas as possibilidades oferecidas pelo mundo”. (SANTOS, 2002^[1996], p. 25). Contextualizado como “um portador de um acontecer histórico”, o Evento permite a possibilidade de novos Signos (novos Eventos) porque o Espaço como realidade em movimento é surpresivo e inconcluso.

O Evento hoje tem esse poder de representar o movimento do Mundo porque, com as técnicas atuais de comunicação, um Evento pode estar simultaneamente em vários lugares. Ele manifesta não só o caráter indissociável da ação e do objeto, mas

³³ Conceito de Espaço em Milton Santos: conjunto indissociável de sistema de ações e sistema de objetos.

une, também, tempo e espacialidade. O Evento internaliza as categorias Técnica e Lugar. Assim, o Objeto Imediato do Evento é o quando e o onde; a possibilidade de seu acontecer é dada pela Técnica, e a oportunidade do seu acontecer é dada pelo Lugar. É o contexto do Evento. Por isso, não é possível falar de Evento sem situá-lo na atualidade do Lugar, que é uma totalidade, nem sem situá-lo no tempo como simultaneidade universalizante.

O contexto do Evento também se encarrega de incluir na cadeia da Semiose do Espaço as demais categorias de Milton Santos, todas em nível de Terceiridade. Ou seja, as categorias miltonianas, que são Símbolos, se tornam internas ao Signo Evento, permitindo uma análise interpretativa totalizante, e ocupam a posição lógica de Objeto Imediato.

Nos quadros a seguir, selecionamos trechos do livro que indicam como as categorias de Milton Santos aparecem na Semiose enquanto Objetos Imediatos do Evento:

Quadro 1 – categorias miltonianas como Objeto Imediato do Evento

| Objeto Imediato do Evento | |
|----------------------------------|---|
| Forma-conteúdo | A cada evento, a forma se recria. [...] Ela significa que o evento, para se realizar, encaixa-se na forma disponível mais adequada a que se realizem as funções de que é portador. Por outro lado, desde o momento em que o evento se dá, a forma, o objeto que o acolhe ganha uma outra significação, provinda desse encontro. Em termos de significação e de realidade, um não pode ser entendido sem o outro, e, de fato, um não existe sem o outro. Não há como vê-los separadamente. (SANTOS, 2002a ^[1996] , p. 102-103). |
| Totalidade | A particularidade resultante combina algumas das possibilidades atualmente oferecidas pelo Todo e mais o que resta da particularidade ultrapassada. Daí essa resistência do espaço quando do impacto dos novos eventos, esse papel de inércia dinâmica das formas-conteúdo. É apenas nesse sentido que se pode dizer que um evento é uma causa de outro evento. De fato, só a totalidade em movimento cria novos eventos. Mas a totalidade em movimento também inclui as ações tornadas possíveis em um lugar particular, a partir do qual acabam por influenciar outros lugares. E as ações não são indiferentes à realidade do espaço, pois a própria localização dos eventos é condicionada pela estrutura do lugar. (SANTOS, 2002a ^[1996] , p. 102-103). |

Quadro 2 – categorias miltonianas como Objeto Imediato do Evento [continuação]

| Objeto Imediato do Evento | |
|--|---|
| Lugar | <p>O lugar é o depositário final, obrigatório, do evento. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 144).</p> <p>Essa presença absoluta funda a eficácia do evento. Onde ele se instala, há mudança, pois o evento é uma brutalidade eficaz. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 146).</p> |
| Intencionalidade | <p>Os eventos também são ideias e não apenas fatos. Uma inovação é um caso especial de evento, caracterizada pelo aporte a um dado ponto, no tempo e no espaço, de um dado que nele renova um modo de fazer, de organizar ou de entender a realidade. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 148).</p> |
| Escala geográfica | <p>Os eventos operam essa ligação entre os lugares e uma história em movimento. A região e o lugar, aliás, definem-se como funcionalização do mundo e é por eles que o mundo é percebido empiricamente. (...) Tanto a região quanto o lugar são subespaços subordinados às mesmas leis gerais de evolução, onde o tempo empiricizado entra como condição de possibilidade e a entidade geográfica preexistente entra como condição de oportunidade. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 165).</p> <p>O conteúdo das diversas áreas tem o que ver com a natureza dos eventos que nela se estendem. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 150).</p> <p>A noção de escala do acontecer pode assim ser fundida com a noção de escala geográfica. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 155).</p> |
| Tempo, Técnica | <p>O que realmente se dá, nestes nossos dias, é a possibilidade de conhecer instantaneamente eventos longínquos e, assim, a possibilidade de perceber a sua simultaneidade. O evento é uma manifestação corpórea do tempo histórico, algo como se a chamada flecha do tempo apontasse e pousasse num ponto dado da superfície da terra, povoando-o com um novo acontecer. Quando, no mesmo instante, outro ponto é atingido e podemos conhecer o acontecer que ali se instalou, então estamos presenciando uma convergência dos momentos e sua unicidade se estabelece através das técnicas atuais de comunicação. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 196).</p> |
| Divisão Territorial do Trabalho | <p>Em nosso ponto de vista, um caminho seria partir da totalidade concreta como ela se apresenta neste período de globalização - uma totalidade empírica - para examinar as relações efetivas entre a Totalidade-Mundo e os Lugares. Isso equivale a revisitar o movimento do universal para o particular e vice-versa, reexaminando, sob esse ângulo, <i>o papel dos eventos e da divisão do trabalho como uma mediação indispensável</i>. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 115, grifo nosso).</p> |
| Totalização | <p><i>Um evento é a causa do outro, mas o faz pela via do universo, com a intermediação da totalidade, conforme à totalidade</i>. Isto tanto se dá com os grandes fatores de mudança global, como em níveis inferiores e em episódios banais. Uma modificação em um quarteirão afeta outros e não só os vizinhos. Melhorar o trânsito em uma área repercute em outras positivamente ou negativamente caso não sejam alterados o traçado das vias ou a estrutura do movimento. (...)“a verdade não está no céu absoluto das essências, mas na trama complexa dos próprios acontecimentos”. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 162-163, grifo nosso).</p> <p>A categoria divisão do trabalho pode ser mais largamente explorada nos estudos geográficos. <i>Trata-se de combiná-la, mais sistematicamente, às noções de totalidade e de tempo, associando a ideia de distribuição de recursos à própria noção de evento</i>. A divisão do trabalho constitui um motor da vida social e da diferenciação espacial. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 129, grifo nosso).</p> |

Quadro 3 – categorias miltonianas como Objeto Imediato do Evento [continuação]

| Objeto Imediato do Evento | |
|-------------------------------------|--|
| Ordem Global Ordem Local | O nível global e o nível local do acontecer são conjuntamente essenciais ao entendimento do Mundo e do Lugar. Mas o acontecer local é referido (em última instância) ao acontecer mundial. Desde o nascimento, o acontecimento se inclui num sistema para o qual atrai o objeto que ele acabou de habitar. O acontecimento é a cristalização de um momento da totalidade em processo de totalização. Isso quer dizer que outros acontecimentos, levados pelo mesmo movimento, se inserem em outros objetos no mesmo momento. Em conjunto, esses acontecimentos reproduzem a totalidade; por isso são complementares e se explicam entre si. <i>Cada evento é um fruto do Mundo e do Lugar ao mesmo tempo.</i> (SANTOS, 2002a ^[1996] , p. 164, grifo nosso). |
| Sistema de Objetos | O espaço geográfico deve ser considerado como algo que participa igualmente da condição do social e do físico, um misto, um híbrido. Nesse sentido não há significações independentes dos objetos. (SANTOS, 2002a ^[1996] , p. 87). (...) reconhecemos a vida específica de um objeto <i>a partir do reconhecimento da natureza de sua relação com o evento que o situa.</i> (SANTOS, 2002a ^[1996] , p. 95, grifo nosso). |

O Objeto Dinâmico do Evento é a realidade em movimento. O concerto indissociável da ação e do objeto é quem modifica o Evento, por isso, como um legi-singo indicial, ele tem o poder de representar o Espaço a partir de uma modificação, reação, alteração que o Objeto provoca no Signo. Assim, perceber o Evento é acessar a ação indissociável do Espaço híbrido:

Um evento é o resultado de um feixe de vetores, conduzido por um processo, levando uma nova função ao meio preexistente. Mas o evento só é identificável quando ele é percebido, isto é, quando se perfaz e se completa. E o evento somente se completa quando integrado no meio. Somente aí há o evento, não antes. Segundo Simmel (1903, p. 43) o rendez-vous tanto denota o encontro, quanto o lugar do encontro. Se aquele feixe de vetores pudesse ser parado no caminho, antes de se instalar, não haveria evento. A ação não se dá sem que haja um objeto; e, quando exercida, acaba por se redefinir como ação e por redefinir o objeto. Por isso os eventos estão no próprio coração da interpretação geográfica dos fenômenos sociais. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 95).

O Evento representa a realidade em movimento, mas não a esgota. Seu Interpretante Imediato revela o potencial do Evento em significar essa realidade que é a indissociabilidade da ação e do objeto (Espaço); seu Interpretante Dinâmico é coletivo e desdobra-se na Emoção, qualidade de sentimento que compõe o conceito de Espaço em Milton Santos como o Interpretante Emocional, primeiro efeito do Evento; e seu Interpretante Energético desdobra-se em ação de atores distintos:

Quadro 4 – categorias miltonianas como Interpretante Dinâmico do Evento

| Interpretante Dinâmico do Evento | |
|---|---|
| Interpretante Emocional | Na era da globalização mais do que antes, os eventos são, pois, globalmente <i>solidários</i> , pela sua origem primeira, seu motor último. Para agir, os homens não saem do mundo, mas, ao contrário, é dele que retiram as possibilidades, a serem realizadas nos lugares. (SANTOS, 2002a ^[1996] , p. 163-164). (grifo nosso). O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo (...) o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade. (SANTOS, 2002a ^[1996] , p. 322). |
| Interpretante Energético | Consideremos que o acontecer, isto é, os eventos, são consequência da existência dos homens sobre a Terra, agindo para realizar o Mundo. Onde escrevemos homens, leia-se, também, Estados, empresas, instituições de toda natureza, entidades que são, juntamente com os indivíduos, capazes de ação. Lembremos que ação e evento são movimentos imbricados. (SANTOS, 2002a ^[1996] , p. 163). |
| Interpretante Energético | A densidade comunicacional resulta daquilo a que G. Berger (1964, p. 173) chamou de "caráter humano do tempo da ação", já que o evento pode ser visto como práxis intersubjetiva (J. L. Petit, 1991) ou práxis transindividual (Simondon, 1950 p. 248). Esse tempo plural do cotidiano partilhado é o tempo conflitual da co-presença. Como lugar do acontecer solidário, esse espaço banal da Geografia (e não o espaço especial, particular, adjetivado, do economista, ou do antropólogo, ou do psicólogo, ou, ainda, do arquiteto ou do filósofo) é criador da interdependência obrigatória e da solidariedade, geradas pelas situações de cara a cara de que fala Schutz (1967, p. 60). Para esse resultado, é essencial que "você e eu tenhamos o mesmo entorno", já que "somente nessa situação [...] posso assumir, com maior ou menor certeza, dentro da realidade diretamente vivida (experimentada) que a mesa que estou vendo é a sua mesma mesa, e a mesma em todas suas situações perspectivas".(SANTOS, 2002a ^[1996] , p. 258). |
| Interpretante Energético | Na era da globalização mais do que antes, os eventos são, pois, globalmente solidários, pela sua origem primeira, seu motor último. Para agir, os homens não saem do mundo, mas, ao contrário, é dele que retiram as possibilidades, a serem realizadas nos lugares. Nestes, eventos simples são amalgamados, formando situações. Por isso, mediante sua realização concreta, os eventos são localmente solidários. As diversas situações são resultantes do acontecer solidário. É assim que a integração entre o universal e o individual ganha um novo conteúdo histórico em nosso mundo atual. (SANTOS, 2002a ^[1996] , p. 163-164). |

O Interpretante lógico do Evento está na categoria que Milton Santos denominou de “Racionalidades”. O Evento produz um efeito interpretativo lógico que, na teoria da espacialidade, é possibilitada e acontece na racionalidade do meio técnico-científico-informacional que participa e dá lugar ao embate das ideologias da racionalidade hegemônica e de novas racionalidades. O resultado desse embate pode gerar novos Eventos, o que confere o caráter surpresivo da história:

Quadro 5 – categorias miltonianas como Interpretantes Lógicos do Evento

| Interpretante Lógico do Evento | |
|---------------------------------------|--|
| Racionalidades | [...] superposição de vários sistemas lógicos, a mistura de várias racionalidades cujo ajustamento, aliás, é presidido pelo mercado e pelo poder público, mas sobretudo pela própria estrutura socioespacial. (SANTOS, 2002 ^[1996] , p. 279). (SANTOS, 2002a ^[1996] , p. 279). |
| Racionalidades | Mas sabemos também que os eventos apagam o saber já constituído, exigindo novos saberes. Quando, como nos dias atuais, os eventos são mais numerosos e inéditos em cada lugar, a reinserção ativa, isto é, consciente, no quadro ele vida, local ou global, depende cada vez menos da experiência e cada vez mais da descoberta. (SANTOS, 2002a ^[1996] , p. 329). |

Esse Interpretante Dinâmico pode assumir o lugar do *Signo/Representamen* na semiose, em forma expressiva de outro Evento:

Os eventos são atuais, absolutos, individualizados, finitos, sucessivos. Mas na medida em que se estendem uns sobre os outros, participando uns dos outros, eles estão criando a continuidade do mundo vivente e em movimento (Leslie Paul, 1961, p. 126), ou, em outras palavras, a continuidade temporal e a coerência espacial. É assim que as situações geográficas se criam e recriam. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 95).

O passado comparece como uma das condições para a realização do evento, mas o dado dinâmico na produção da nova história é o próprio presente, isto é, a conjunção seletiva de forças existentes em um dado momento. Na realidade, se o Homem é Projeto, como diz Sartre, é o futuro que comanda as ações do presente. (SANTOS, 2002a^[1996], p. 330).

O embate ideológico da racionalidade do globalitarismo e das novas racionalidades pode, na Semiose do Espaço, resultar na mudança da posição lógico-formal do Interpretante lógico para um novo *Representamen* (*Signo em si*) na forma de um novo Evento, e assim sucessivamente, conforme a Figura 5. A Semiose do Espaço assume, então, um caráter surpresivo e demonstra como o Espaço atua na significação da história, participa de seu movimento. Pela Semiose, é possível observar a expansão de Evento a Evento, sem que o Espaço/realidade em movimento seja esgotado em sua interpretação, porque o Espaço como realidade é inconcluso e dinâmico.

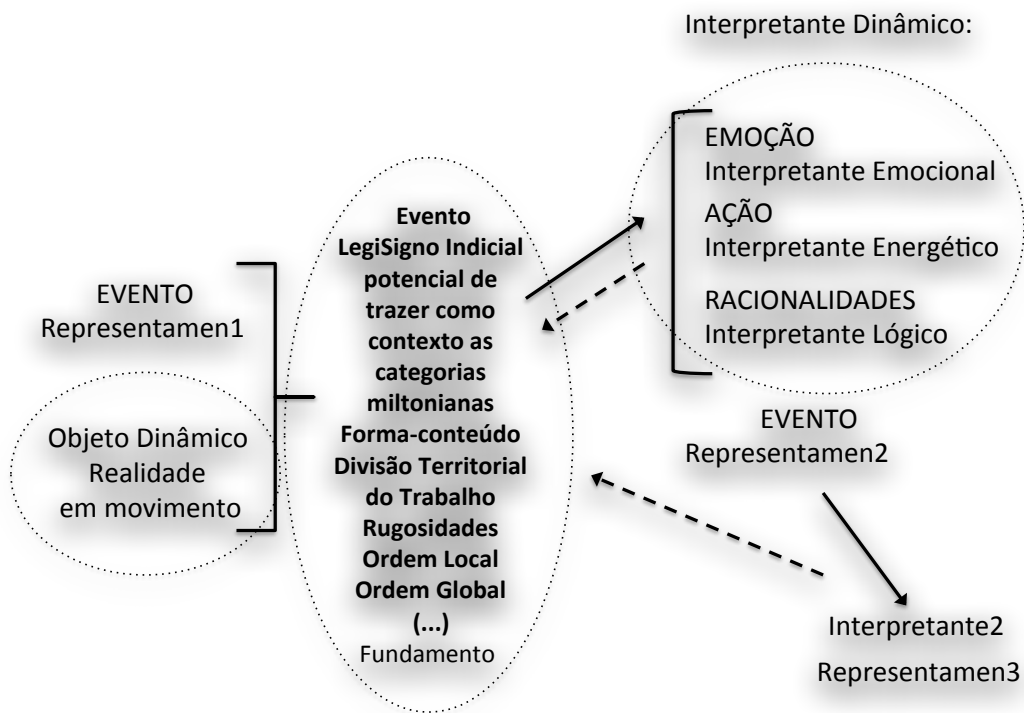


Figura 5 – A Semiose do Espaço de Milton Santos
[Organização nossa]

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado encontrado na análise da Semiose do Espaço em Milton Santos – para usar uma expressão que lhe é cara –, é indissociável da forma qualitativa com que as Categorias fenomenológicas de Peirce se evidenciaram em seu pensamento. O fato de não haver hipertrofia de nenhuma delas foi o que o capacitou a elaborar uma teoria que empiricizasse o Espaço, no retorno das categorias de Milton Santos à realidade em movimento.

Um resultado colateral dessa Dissertação, ainda que não menos importante, é a consideração da Semiótica Aplicada, que – uma vez respeitado o edifício filosófico de Peirce – pode ser utilizada como método de análise para outras teorias geográficas. Contudo, se a Semiótica tivesse sido aplicada ao pensamento de qualquer geógrafo marcado pelo pensamento cartesiano, a Terceiridade teria se evidenciado na forma de teorizações redutíveis a relações duais. Haveria, assim, uma hipertrofia da Secundidade na Terceiridade. E a abstração geográfica, resultante dessa análise hipotética, seria uma abstração empírica.

As Categorias fenomenológicas de Peirce atuam em um concerto próprio no pensamento e na Semiose do Espaço de Milton Santos. A forma como elas se evidenciam é o argumento epistemológico que sustenta a tese de que Milton Santos foi um pensador que ultrapassou os limites da Geografia e empreendeu um diálogo qualificado com outras Disciplinas, em nível de metadisciplina.

A realidade em movimento em atualidade permaneceu como fonte da sua Semiose durante toda sua elaboração teórica. Foi a Secundidade que bateu à sua porta a exigir explicações, por isso ele aperfeiçoou seu método e seus conceitos, sempre consciente da falibilidade da investigação científica, porque a aproximação à realidade é dada em representações regressivas, pelo vetor da Representação do Signo, cuja posição lógica cabe ao Interpretante.

A partir do desejo de explicar o mundo que existe independente dele, Milton Santos atentou-se à pré-ideia e à Emoção, e a Primeiridade se evidenciou na forma de

novas hipóteses, na busca de palavras que, como Signos que são, fossem capazes de transportar a intuição da pré-ideia pelo vetor da Representação. Palavras de Milton Santos como “surpresiva” e “globalitarismo” serviram ao propósito de produzirem, tanto um efeito emocional, quanto lógico no Interpretante Dinâmico, considerado aqui como toda a comunidade científica a quem ele dirigiu seu enunciado, a fim de enunciar que a racionalidade do Espaço é inesperada e oferece caminhos insuspeitados ao pensamento e à ação, que possibilitam a insurreição à globalização.

Foi a partir da própria síntese de conceitos derivados de conversas metadisciplinares, portanto filosóficas, que Milton Santos teorizou sobre a espacialidade em movimento. Sem ter a intenção de incluir temas novos nesta Conclusão, mas para sinalizar futuros estudos que os resultados desta pesquisa animam, podemos citar prováveis influências, em A Natureza do Espaço, do existencialismo de Sartre (1905-1980), da teoria da ação comunicativa de Habermas (1929 -), da cosmologia do Padre Teilhard de Chardin (1881-1955), que antecipou a mundialização com seu conceito de planetização³⁴.

Foi o mesmo diálogo qualificado que permitiu, na introdução dessa Dissertação, que aproximássemos o conceito de Mediação em Peirce e Bakhtin ao conceito de Técnica em Milton Santos, antes mesmo de apresentar o objetivo e a hipótese da pesquisa.

Então, o pensamento de Milton Santos partiu da Secundidade na atualidade em movimento, permitiu a entrada da Primeiridade na elaboração de hipóteses e amadureceu em Terceiridade a partir do diálogo metadisciplinar, no estabelecimento de relações entre conceitos que não podem ser reduzidos ao primeiro nem ao segundo.

O concerto das Categorias fenomenológicas permitiu, então, que Milton Santos intuisse o modo como o Espaço se apresenta em movimento na atualidade em sua forma abstrata, que resultou em sua Semiose do Espaço. Assim, caracterizamos, a partir das Categorias fenomenológicas de Peirce, a complexidade do pensamento desse geógrafo

³⁴ Planetização da humanidade (...): a humanidade, nascida neste planeta espalhada por todo o planeta, formando pouco a pouco, em torno de sua matriz terrestre, uma única unidade orgânica maior. (...) O fechamento desse círculo esférico pensante: não seria acaso isso que está acontecendo nesse momento? – a formação, quero dizer, a partir e para além da Biosfera, de uma camada planetária suplementar, a camada de substância pensante à qual, por comodidade e simetria, dei o nome de “Noosfera”. (CHARDIN, 2006, p.35)

na superação de teorizações de causa e efeito entre o homem e o meio geográfico.

Na Semiose da Teoria Social Crítica de Milton Santos, a Terceiridade do Espaço se evidencia na expansão da Semiose de Evento em Evento, inconclusa e em movimento, já que nem mesmo os Eventos esgotam o Espaço. A Semiose do Espaço em constante significação é esse concerto entre ação, objeto, técnica e tempo, indissociável e irreduzível a relações duais.

Como Secundidade, o Espaço aparece em forma expressiva de Eventos. O Evento assume a segunda posição lógico-formal do signo peirceano: o *Representamen* ou Singo em si. Na Semiose, o Evento é um legi-signo indicial e aparece em sequências de um Evento a outro, em réplicas. Essa é a categoria que está no coração da sua teorização espacial, responsável por incluir as demais categorias como Objetos Imediatos e empiricizá-las à realidade em movimento.

É o Evento que une tempo e espacialidade, ordem global e local, ação e objeto, Lugar e Mundo, totalidade e totalização, e indica a divisão territorial do trabalho. No retorno da Semiose do Espaço de Milton Santos, cabe às racionalidades o papel da terceira posição lógico-formal do signo de Peirce: o Interpretante.

O Lugar é a sede de novas racionalidades (Interpretantes lógicos do Evento), porque a contiguidade espacial, que só o lugar tem, incentiva a aproximação e a solidariedade. O Lugar, onde as pessoas vivem juntas e de onde vivenciam todas as suas limitações, também reclama por significação e por ação e gera, pelo Evento, Interpretantes emocionais, energéticos e lógicos. Estes Interpretantes podem resultar em Eventos abertos a novas significações, veiculadas pelas redes e por coletivos de homens com interesses comuns, solidariamente juntos na contiguidade do espaço. Ainda assim, o Evento ocorre sem que seja esgotado em sua interpretação. Não apenas como um Evento humano, mas como um Evento mundano.

Porque o Espaço de Milton Santos também é Primeiridade. Assim, pelo vetor da Representação, novas racionalidades, advindas da Emoção que surge da comunhão entre os homens que o Lugar permite, se encontram em um embate de ideologias com a racionalidade hegemônica do globalitarismo.

Evidências de novas formas de pensar e de agir, que são coletivas e derivam da solidariedade do Lugar vivido, podem resultar em novos Eventos. O que era um Interpretante, então, vai para a posição de *Representamen*, gerando o movimento da Semiose na combinação dos vetores de Determinação e Representação. E a dialética

renovada, então, se dá no embate das ideologias entre essas novas racionalidades e a racionalidade hegemônica – embate inserido na própria racionalidade espacial. Pela Semiose do Espaço de Milton Santos, fica evidente a razão pela qual o Espaço não é mero receptáculo da ação humana e participa como protagonista no processo de significação da História.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. **The dialogic imagination**: four essays by M. M. Bakhtin. Austin: University of Texas Press, 1981.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1992.

CASTELLS, M. **A Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARDIN, T. **Em outras palavras**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

DESCARTES, R. **Discurso do método**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KRISTEVA, J. **Desire in language**: a semiotic approach to literature and art. New York: Columbia University Press, 1980.

LEITE, J. C. Entrevista Milton Santos. **Teoria e Debate**, n. 40, p. 1-19, 1999.
Disponível em: < <http://www.teoriaedebate.org.br/materias/nacional/miltonsantos>>.
Acesso em: 06 jun. 2013.

PARMENTIER, A. J. Sign's Place in Medias Res: Peirce's Concept os Semiotic Mediation. Em, E. Merth e A.J. Parmentier (*Orgs.*) **Semiotic Mediation**. Orlando, Florida: Academic Press, 1985.

PEIRCE, C. S. **The collected papers of Charles Sanders Peirce**: electronic edition. Utah: Folio Corporation, 1994. v. i-viii.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTAELLA, L. **A teoria geral dos signos**. São Paulo: Pioneira, 2000.

SANTAELLA, L. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Thomson, 2005.

SANTAELLA, L. Epistemologia semiótica. São Paulo: **Cognitio**, v. 9, p. 93-110, 2008.

SANTAELLA, L.; NÖTH, W. **Comunicação e semiótica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

SANTOS, M. Para que a geografia mude sem ficar a mesma coisa. **Boletim Paulista de**

Geografia, n. 59, p. 5-22, 1984.

SANTOS, M. O espaço geográfico como categoria filosófica. **Terra Livre**, São Paulo, n. 5, p. 9-20. 1988.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 4. ed. São Paulo: Record, 2000.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2002a.

SANTOS, M. **O país distorcido**: o Brasil, a globalização e a cidadania. São Paulo: Publifolha, 2002b.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. 6. ed. São Paulo: EDUSP, 2002c.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: Hucitec, 2007.

SARTRE, J.-P. **Sartre no Brasil**: a conferência de Araraquara. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2005.

SEABRA, O. **Território e sociedade**: entrevista com Milton Santos. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

YÁZIGI, E. A. Milton e a criatividade. In: SOUZA, M. A. (Org.). **O mundo do cidadão**: o cidadão do mundo. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 396- 425.